



D. José D. Alvarado Leventry

D. JOSÉ DE ALMADA E LENCASTRE



izem que existem quadras climatericas para o talento: que assim como a natureza agenceia os mais reconditos e fecundantes principios de germinação, para depois os patentear em prodigios de efflorescencia e fructificação em certos periodos do anno, tambem o engenho humano, por um phenomeno cujas leis escapam á nossa perspicacia, parece escolher varias épocas para ostentar todas as suas potencias milagrosas.

Mas, se effectivamente occorrem d'estas quadras fadadas para a verdadeira personificação das letras e das artes, do mesmo modo haverá quadras nefastas que, como um tufão desolador, vão abatendo um por um todos os talentos, quando a aurora das esperanças risonhas ainda lhes sorria, porque as crenças dos primeiros annos da existencia começaram para elles apenas a viçar e a florir?

Será isto um facto que não entre nos meros accidentes da vida humana?

Creio que sim, que d'outra sorte se não pôde nem comprehender, nem explicar a fatal insistencia com que a mão do destino, em tão breves annos, tem ido cortando por toda essa phalange de mancebos illustres, que ainda ha pouco representavam uma grande parte da actividade intellectual d'esta terra, e que ao presente só vivem na valia de suas obras, e na saudade dos seus amigos. Triste e inexplicavel fado que em menos de seis annos tem escurecido com o crepe da morte tanto raio de luz fulgissima! Alongando os olhos em torno de nós, não vemos senão ramos de cypreste. Além, onde ainda ha pouco desferia melodiosos sons uma lyra enflorada, debruçam-se agora as negras e melancholicas ramadas do teixo, como se fosse a amizade alli ajoelhar-se a prantear curvada para a terra uma esperanza de todo perdida! Mais longe uma corôa de myrtho está substituida por uma capella de perpetuas. Quasi ao pé vê-se uma palheta, cujo vivissimo collorido recorda os melhores mestres venezianos, quebrada, os pinceis dispersos, e por cima apenas algumas raras saudades desfolhadas. Varias lapidas, alvejando aqui e alli, mostram quanto o affecto dos amigos ou dos parentes desejou perpetuar a memoria d'aquelles que lá repousam.

E quasi todos mal estanceavam ainda agora no primeiro limiar da vida! E não lhes bastou nem a energia da mocidade, nem a chamma do talento para os robustecer e armar contra as luctas da morte; antes parece que aquellas duas forças, por intensas e violentas, os consumiram como uma febre interior. Desgraçado sestro do talento que, avaro de seus triumphos, os não concede senão a troco da perda dos alentos da propria existencia!

E foi esta a historia de Soares de Passos, do Lamartine portuense; de Coelho Lousada, poeta e romancista; de Francisco Bordalo, o singello narrador das nossas scenas maritimas; de Van-Deiters, estro apagado quando mal começava de fulgir; de Metrass e Monteiro, esperanças da nossa Academia de Bellas Artes; de Harcourt e Corte-Real, vocações litterarias já a refflorir; n'uma palavra foi esta a historia de D. José de Almada, do prosador naturalissimo e pensador sincero, em quem o dogma religioso se tornava vivida e constante inspiração litteraria!

E aqui poderamos accrescentar ainda mais alguns nomes, tambem illustres, tambem sympathicos, tambem tendo diante de si largas e brilhantes promessas do futuro, e que uma sorte mais cruel talvez affastou das letras, sem os affastar da vida! Mais excruciante martyrio, para quem o comprehende sobre-

tudo, que abserva aquelles espiritos outr' hora tão activos, tão fulgurantes revoando pelas espheras infinitas do pensamento, e agora apathicos, indifferentes a tudo e a todos, tremendo enigma que mal percebemos nos seus rapidos estragos!

Mas evitemos este lamentavel episodio. A esperanza é a ultima luz que se apaga no seio das trévas que enluctam a existencia do homem. Não esmoreceu ella ainda de todo no peito da amizade. Confiemos pois na Providencia e respeitemos os seus mysterios.

A primeira vez que eu vi D. José de Almada foi na Sé de Lisboa, n'uma noite do Natal. Teria elle, quando muito, dezeseite annos, e eu dezenove. Estavam comigo alguns amigos e conversavamos todos ácerca da origem incerta da fundação da nossa velha cathedral. Á medida que nos espraiavamos em considerações a respeito da antiguidade d'aquelle templo, ora auxiliados, ora confundidos pelas anomalias de estylo architectonico que enxovalham de remendos a severidade vetusta d'aquellas paredes, reparei eu que um mancebo trigueiro, de olhos grandes e vivissimos se prendia singularmente a tudo que diziamos. Visivel timidez o tolhia porém, e contentava-se de ouvir com summa attenção quanto descorriamos. Eu pouca lembrança conservei de tudo isto, mas D. José de Almada sempre me ficou fallando d'este encontro, repetindo-me até palavras do que eu dissera da controvertida historia d'aquelle nosso monumento. Depois nunca mais nos vimos, e foi só, decorridos muitos annos, que nos encontramos de novo, e d'esta vez, elle, já auctor da *Prophecia*, e eu, seu apreciador n'um artigo da *Reforma*.

Os primeiros annos de D. José de Almada encontra-os o leitor descriptos com a sinceridade e lhaneza que formavam a essencia do seu character, em varias das chistosas e singellas narrativas a que elle poz o titulo de *Contos sem arte*. É de um d'estes contos que extrahimos as seguintes linhas, que esboçam ao mesmo tempo as alternativas da sua mocidade e o seu retrato moral.

«Ora eu não sou (escreve elle) nem philosopho, nem antiquario, nem poeta, nem erudito.

«As vezes pergunto a mim proprio o que sou, e por mais que «martele e torne a martelar, ainda não pude descobrir o que «sou.

«Qual é a minha *especialidade*? como se diz hoje.

«Tenho tantas, que por fim de contas parece-me que não tenho nenhuma.

«Como rapaz de escola fui um grande mandrião.

«Apenas sabia ler bem.

«Lá d'isso gostava.

«Mas acabava ás vezes de ler um capitulo do *Carlos Magno*, de derramar sentidas e verdadeiras lagrimas com os dissabores da formosa Floripes pelos seus amores com Guy de Borgonha, e esquivava-me depois ao criado, que me levava para a escola, e ia capitanear uma batalha campal de pedrada.

«Choviam as palmatoadas depois, mas ninguem podia fazer bom de mim. Assim eu comecei creança, muito ledor, pueril e travesso até aos desoito annos.

«N'esta idade começou a correr voz e fama de que eu era idiota, ou quasi.

«Rebellei-me contra semelhante idéa: começo a arder no amor do estudo, e eis-me nas aulas de grãmmatica latina e logica a fazer um figurão.

«O meu mestre de rhetorica fez-me n'um exame uma picardia.

«Que faço eu?

«Vou matricular-me em eloquencia e poetica, e dou-lhe um quinau na traducção da oração de Cicero *pro Archia poeta*. O homem esteve quasi a pedir a sua demissão por minha causa.

«Passo ás mathematicas.

«Dá-me outra vez um grande ataque de mandrieira; e se não fosse a minha extrema prudencia em evitar os exames, sabe Deus o que seria feito dos meus creditos!

«Depois fiz versos a quantas Marylias, Marcias, Lelias e outras pessoas fabulosas encontrei no meu caminho.

«Fiz versos seis annos a fio.

«Veiu um dia (abençoado tu sejas!) em que me resolvi a fazer auto de fé a todas as minhas producções poeticas.

«É a resolução mais sensata, que eu tenho posto em pratica.

«Mas sempre a ler muito, e tudo o que se me apresentava: romances, historia, religião, philosophia, tudo.

«Veiu-me por fim a mania de me metter a escriptor publico.

«Pranteio o publico, pranteando-me a mim proprio.

«Porque nem eu, nem elle ganhámos muito com isto.

«Mas vão lá tirar-me d'esta mania!

«Agora já está inveterada, já fez casa, tornou-se vicio, é impossível arrancar-a.»

Não era mania, era decidida e forte vocação litteraria, e das

mais espontaneas que ainda eu tenho conhecido; e a prova foi que D. José d'Almada apresentou d'ahi a pouco a *Prophecia*, a sua esplendida e indubitavel consagração de poeta dramatico. Até então, os seus trabalhos litterarios, ou por timidos, ou por modestia do auctor, não haviam ultrapassado a notoriedade de alguns condiscipulos, que já, todavia, lhes descubriam visos do talento que depois festejaram e applaudiram no auctor. E é elle proprio que nos confessa, que as suas primeiras producções as condemnára á fogueira. E tão exterminador foi este auto de fé, que nem sequer deixou sobreviver a memoria do titulo com que algumas inspirações momentaneas votaram os affectos do poeta ás suas Lelias. Apenas varios amigos de infancia se recordam de um poemeto denominado *Maria ou a minha noiva*, que sôa assim a composição bucolia, se a lhaneza do titulo pôde ser motivo de inferencias.

Por estes tempos publicou-se o periodico politico a *Nação*, cujos redactores eram da amisade e das relações partidarias da familia de D. José de Almada. João de Lemos e Silva Bruschy acabavam de legar honrosas lembranças á Universidade de Coimbra, concluindo a sua formatura. O bardo inspirado da *Lua de Londres* fôra talvez um dos que mais de coração acudiram ás invocações do visconde de Almeida Garrett, abrindo com o alaude bafejado pelas inspirações da musa peninsular um novo periodo á nossa poesia. As tradições da velha monarchia, como o respeito das ruinas monumentaes do passado, haviam incendiado aquellas imaginações, affigurando-lhes o dogma politico rodeado da auréola dos prestigios inseparaveis da magestade das grandezas abatidas e das saudades dos seculos que não volvem.

Foi precedido d'esta ordem de impressões, que o mancebo José de Almada, alma ardente e propensa a todos estes sentimentos e idéas, conheceu João de Lemos. O mesmo foi conhecê-lo que admirar-o. Tão forte se tornou o influxo que o poeta exerceu sobre o animo do seu novo amigo, que o desviou da tranquila e incuidosa carreira dos idyllios que até então unicamente trilhára e lhe poz na mão o estylete hervado da Némesis politica. *Um brado pela patria*, pamphleto que antes mostrava os desejos do que a solidez da doutrina politica do moço escriptor, foi o resultado d'esta iniciação partidaria.

Mas os verdadeiros effeitos do trato e contacto com os homens de letras do seu partido, não tardaram muito que D. José de Almada os não manifestasse. Duas grandes forças fizeram de D. José de Almada escriptor: as exigencias de uma vida quebrada de incertezas, e o exemplo d'aquelles que elle tomára por mo-

dêlo. Os seus estudos tornaram-se serios e proficuos: applicou-se como o homem que malbaratou o tempo a divagar por atalhos, e que depois quer ganhar com o esforço a dianteira que os outros lhe levam já no caminho. E venceu-a. O drama a *Prophécia* é a prova. Não se escrevem paginas d'aquellas sem estudo insistente, e felicissima disposição anterior, porque a *Prophécia* não é simplesmente uma obra dramatica, é uma controversia philosophica, e tomando por thema o que a philosophia reconhece por mais grave e difficil, a excellencia religiosa.

A historia da *Prophécia* constitue um episodio curioso da vida de D. José de Almada. Ou por dissabores immerecidos, ou por excentricidades proprias, o moço escriptor abandonou a casa da sua familia, que era no Campo Grande, e veiu para Lisboa trazendo comsigo por unica riqueza e esteio do futuro algumas moedas de prata na algibeira, e o manuscripto da *Prophécia* debaixo do braço. Assim, reproduzindo em parte a parabola do pobre do Evangelho, se apresentou ao seu amigo Luiz de Vasconcellos, côm o designio d'este o apresentar aos actores Epiphanio ou Theodorico, que então dirigiam o theatro de D. Maria II, constituido em sociedade. Esta apresentação, porém, não se pôde realisar logo. O mancebo escriptor não vinha acompanhado de outra recommendação senão da sua affouteza, digna, por certo, pois nascia da confiança que é inquestionavelmente uma das forças virtuaes do talento, mas para os outros não era ella sufficiente. *Compositores* de dramas fervilhavam então, como hoje os noticiaristas. O theatro achava-se bloqueado d'estes dramaturgos por atacado, que desejavam sahir da chrysalida do seu anonymo á custa da paciencia das platéas e de alguns sacrificios dos empregarios. Não sei se estas suspeitas se levantaram contra D. José de Almada, e lhe fizeram a injuria de o tomar a olho pór um d'estes Chatterton de estro obstinado. Talvez não: mas o apuro das suas circumstancias não lhe permittiu de longas, e por isso apresentou-se elle proprio aos directores da sociedade, e pediu-lhes para lhe ouvirem ler um drama. Em tão boa hora o fez, que a leitura foi escutada em acto continuo. A principio foi mais a condescendencia que lhe grangeou auditorio, mas ao cabo dos primeiros actos já os applausos rebentavam de todas as bocas, e por fim os abraços e os louvores vaticinaram ao moço escriptor o triumpho da sua peça. E tão seguro se affigurou a todas as imaginações este triumpho, que a sociedade do theatro de D. Maria II arriscou-se aos maiores gastos para pór o drama em scena com o rigor historico e deslumbramento dos esplendores d'aquellas épocas heroi-

cas. E o enthusiasmo no publico foi tal que um escriptor d'essa época não duvidou de escrever estas palavras: — «O theatro normal acaba de despertar do profundo lethargo que por dois annos lhe entorpecêra a vida. O milagre dos sete dormentes repetiu-se por mais uma vez, etc.

«.....
«O prodigio foi a olhos vistos, operou-o o sr. D. Jose de Almada e Lencastre, auctor do drama, que acaba de subir á scena no theatro de D. Maria II.»

E operou. E não se póde dizer que o seu drama deveu o acollimento que teve ao grandioso espectaculo de que era revestido, porque foi principalmente o assumpto, em que a religião se prende aos primeiros affectos da vida, que attrahiu a immensidão de espectadores que tanto o applaudiram, e que noutes repetidas chamaram o auctor ao proscenio para o coroarem de applausos. «E appareci (escreveu D. José de Almada na sua resposta á critica, que juntou quando imprimio o drama), e appareci para que me não taxassem de descortez.

«Appareci, porque tanto a obra como o auctor eram completamente desconhecidos do publico.

«O meu pobre nome nenhuns serviços litterarios o haviam feito conhecer. Cumpria apparecer para agradecer, mas agradecer, só.

«Esses braços que se erguiam, e que saudavam o meu trabalho, esse grande poeta (o visconde de Almeida Garrett), que eu vi de pé, e como inclinado para a scena a dar-me um mais que benevolo parabem, dominando com a memoria viva da sua larga colheita de louros, ceifados sobre o mesmo campo, que eu então pisava, aquelle auditorio respeitavel, composto na maxima parte de um grande numero dos primeiros cultores das letras patrias, tudo isto apenas o traduzia eu assim: «És moço ainda; não queremos que desanimes: a tua obra não é perfeita; applaudimos os teus esforços: ergue-te que nós te damos um braço robusto e seguro; continua e veremos se foste digno do favor que te dispensamos.»

«Foi o que entendi. Agora se isto ainda assim é vaidade, confesso que a tive, mas foi só esta. E d'esta mesma prometto corrigir-me, se me mostrarem que o é.

«O pensamento que me tomou os sentidos e a alma toda foi o lançar as primeiras linhas, se eu tanto podesse, que servissem como de planta de um theatro christão.

«Mas a *Prophecia* é só uma obra de fé e foi assim, como já disse, que o publico a aceitou.

«O publico viu-a do mesmo modo que eu a escrevi.»

A imprensa occupou-se largamente d'este primeiro trabalho do mancebo escriptor. Quasi todos os jornaes publicaram juizos criticos. Traslado agora para aqui parte do que então escrevi:

«São tão raras entre nós as producções litterarias de verdadeiro merecimento, que o jornalismo não pôde deixar de saudar a sua apparição com desculpavel enthusiasmo, sem que se dê por suspeito de mesquinha inveja, ou de um indifferen-tismo reprehensivel.

«Na aurora esplendida de um talento indubitavel, o sr. D. José de Almada acaba de fazer subir á scena, no theatro de D. Maria, a *Prophecia*, drama que exige esta saudação, por que tem direito a ella. A imprensa, prestando homenagem ao mancebo, que tão auspiciosamente enceta a carreira dramatica, deve ufanar-se de ter de registrar esta obra na chancellaria das creações perduraveis, por que ella é, considerada litterariamente, um elemento constitutivo, e, para o seu auctor, um diploma authenticico que lhe sanciona os foros de homem de letras.

«A *Prophecia* é o impulso, e, mais que o impulso, é já o módelo para a introduccão de um novo genero na litteratura dramatica. Procurando nas edades semi-heroicas a acção e personagens, assumindo as proporções grandiosas e solemnes da scena antiga, a obra do sr. D. José de Almada assenta o seu logar entre o drama moderno e a gravidade da tragedia classica, ou é a tragedia em prosa, sem a immolação do protagonista. Da tragedia toma a grandeza epica do assumpto, a elevação e heroicidade das paixões, a simplicidade antiga das fórmulas, e do drama recebe a isenção do dogmatismo aristotelico e a liberdade de concepção e desenvolvimento da idéa capital. É como o élo entre *Frei Luiz de Sousa* e o *Polyeucte* de Corneille, na hierarchia dramatica; é a transição legitima do romantico para o classico, participando, por consequente, das duas naturas.

«Subjeita aos preceitos logicos e aceitaveis, que a escola moderna referendou, a sua acção é natural sem ser commum, facil sem ser trivial, unica sem ser monotona.

«Esta acção é passada no comêço da era christã, no theatro mais lamentavelmente celebre de que ha memoria nos fastos da humanidade, e n'uma das épocas mais solemnes e predeterminadas, que recorda a historia das nações. É debaixo dos muros da cidade, que vergava sob o peso do maior dos crimes — o deicidio, juncto da qual accampa o maior poder de então — o poder de Roma, onde o drama começa. É com a con-

«quista de Jerusalem, com a destruição do templo, com a re-
«lisação das predicções de Daniel, de Zacharias e de Isaias, que
«o drama finda.

«Para personagens d'esta acção, o auctor foi buscar o que
«havia de grande em poderio e prestigio sobre a terra. Em frente
«de Eleazar, o summo pontifice de Judá, o ancião da antiga
«lei, o representante do judaismo, colloca Tito, o typo da lon-
«ganimidade reunida a todo o esplendor e sumptuosidade do
«imperio pagão, e entre estes faz avultar dois heroes, ambos
«christãos, um joven guerreiro romano e um escravo negro;
«aquelle, patricio engrandecido e poderoso, prefeito das inven-
«civeis legiões romanas, estimado e querido do Cezar, provando
«a excellencia da doutrina do Christo, cujas verdades se radi-
«cavam já no coração dos grandes da terra; este, mesquinho
«da fortuna, ludibrio das instituições tyrannicas dos homens,
«personificando a humildade de um Deus, que deu d'ella o vér-
«dadeiro exemplo, nascendo n'um presepio.

«Estas tres idéas de religiões distinctas, o christianismo, o ju-
«daismo, o polytheismo, combatem-se, porfiam e repellem-se.
«O amor, porém, symbolisado em Sara, com toda a effusão e
«intensidade de uma paixão energica, generosa e pura, domina
«em roda de si, impregna aquella atmospherá da sua influen-
«cia magnetica, vibra todas as cordas de alma, faz brotar e pal-
«pitar os mesmos affectos; e as almas assim abaladas por com-
«moções identicas, os corações embrandecidos por um senti-
«mento commum, rendem-se á evidencia eloquente e sublime
«d'essa religião, que toda espiritalismo, resignação, exemplo
«e heroicidade, supplanta o paganismo material e exterior; que
«toda verdade, revelação e prodigios, dissipa até a propria ce-
«gueira do chefe das synagogas!

«Eis o pensamento predominante do auctor: o triumpho do
«christianismo.

«Esta idéa, arrojadamente philosophica, desenvolve-a elle e
«dramatiza-a com a consciencia e confiança do talento, e com
«a fé viva e fogo de entusiasmo de uma crença profunda. Os
«sentimentos e affectos são apenas como os meios empregados
«n'este vasto e magestoso edificio, em cuja cupula se ergue por
«fim o symbolo eterno da redempção.

«Um tal plano era agigantado. Sublime de sua natureza, ti-
«nha de ser tractado na esphera propria para nada perder do
«seu vívido esplendor. Todavia, o sr. D. José de Almada, com-
«pulsando-se conscienciosamente, achou a empreza digna dos
«seus esforços, e o resultado prova, como diz Lamartine, que

«o talento suppre muitas vezes com o seu attributo e caracteristico, o instincto das grandes conveniencias, o que nem o tempo dá nem o proprio estudo concede.

«Cheguemo-nos mais á questão.

«A *Prophecia* encerra bellezas, mas não é isenta de defeitos. «O seu auctor sabe-o melhor que ninguem, e nós rebaixariamos a linguagem da verdade, se a entremeassemos de lisonja tão banal. Tratado quasi sempre na esphera philosophica, o drama é bem delineado; os seus caracteres principaes são traçados com vigor e sustentados com naturalidade; a sua acção desenvolve sentimentos magnanimos, affectos nobres, espansões sublimes e espontaneas. Mas n'estas luctas tremendas da ternura e do amor com os diversos principios religiosos, que se guerreiam e anniquilam; n'estes transes afflictivos que o capricho da indole dramatica cria, como para experimentar toda a perseverança das crenças de Cleto e Sara, a razão resplandece sempre atravez dos sinistros bulções, que a paixão agglomera aos horisontes da existencia moral dos dois amantes, e a cabeça rege constantemente o coração.

«O amor na *Prophecia* é sempre dominado, ou modificado pela crença religiosa. Sem perder nada do arrojo de seus impetos, o embate da diversidade das religiões, depurando-o, mais tende a sublimal-o, fazendo-o por vezes tocar as raias da heroicidade. É só pela evidencia dos prodigios, posto que esclarecidos pelo sentimento sublime que Cleto inspirára á filha do pontifice de Judá, que ella recebe as aguas do baptismo; e do mesmo modo é só depois d'esta purificada pela conversão, que o esforçado Prefeito lhe dá o nome de esposa. O proprio affecto paternal de Eleazar não se desvaira em presença do heroismo dos dois amantes, e é tambem depois unicamente de presentiar o complemento de todas as prophecias, que, prostrado por terra, adora no Martyr do Golgotha o promettido das nações.»

Não seguirei mais avante, porque estas linhas bastam para dar idéa do drama. O modo porque foi recebido, collocou a D. José de Almada n'uma posição litteraria de primeira ordem. O jornal a *Nação* e o *Catholico* offereceram-lhe logo o logar de redactor. D. José de Almada acceitou effectivamente parte na collaboração d'estes periodicos; mas a sua indole litteraria, as aspirações do seu espirito, os seus estudos de predilecção, não o levavam para a carreira politica: o seu desejo era proseguir em trabalhos exclusivamente litterarios; e sobretudo o triumpho que lhe obtivera a *Prophecia* incitava-o a realisar o vasto plano que conce-

beu de escrever uma serie de dramas sacros, que reduzissem a quadros as differentes phases porque, no decorrer das sociedades antigas e modernas, passaram as differentes luctas religiosas, personificando estas nos maiores vultos da egreja grêga e latina. O drama *Santo Agostinho*, escripto em doze dias, foi o primeiro fructo d'esta larga concepção. Pena foi que o auctor o não publicasse, e que estorvos da censura dramatica lhe vedassem a representação. Talvez ainda veja a luz da imprensa este trabalho, e côm elle sahirão os diversos pareceres dos censores, e será para esse momento o julgarmos quem teve razão, se a censura dramatica, com a sua austeridade, se D. José de Almada, em não querer mutilar o drama.

Depois d'esta época, D. José de Almada escreveu constantemente. Os jornaes a que se havia ligado roubavam-lhe as melhores horas do seu trabalho, porém tudo o que elle podia tirar a estes momentos o applicava a escriptos mais de sua feição; e foi d'estas horas assim aproveitadas que vimos sahir o *Casamento Singular*, a *Associação na familia*, a *Meia do Saloio*, o *Jantar amargurado*, o *Artista*, as *Ambições de um eleitor*, comedias que foram representadas no theatro do Gymnasio; *Vamos para Carriche*, que fez época no theatro das Variedades; a *Lição*, o *Boa Lingua* que ultimamente vimos no theatro normal, produções de diversos generos dramaticos e intuitos philosophicos, porque o talento de D. José de Almada offerecia a mais admiravel combinação de qualidades serias e galhofeiras. Apar, por exemplo, do *Jantar amargurado*, episodio comico de immenso chiste, encontrámos logo a *Associação na familia*, melancholico quadro, onde o espectador encontra uma eloquente licção dada pelo amor do trabalho, a que serve de laço o affecto da familia; e se nos voltarmos para outro lado, vemos ainda D. José de Almada a escrever o *Orador Sagrado*, magnifica collecção de sermões que abrange, e tracta os mais difficeis assumptos da historia da fé christã. E depois ainda o vemos a preparar-se para o Curso Superior de letras, e simultaneamente a escrever romances, como o *Mestre de Aviz* e outros; folhetins que assignava com o pseudonymo Victor no *Jornal do Porto*; infinitos artigos que todos os dias appareciam nas publicações litterarias, que sollicitava a sua pena; e por fim de tudo os *Contos sem arte* singella collecção de narrativas, que a morte lhe veiu interromper, e que são um modelo de simplicidade. Depois de Garret ainda não vimos em portuguez feições mais nossas e mais sincero e caracteristico respirar em figuras trazidas ao livro.

A exuberancia d'esta vida intellectual abateu-lhe as forças

proprias. O corpo é fraco para tamanhas luctas do espirito; e os desgostos vieram ainda exarcerbar estas grandes excitações, exagerando-lhe a enfermidade que o matou. O sentimento profundo de que lhe haviam feito uma injustiça, não decidindo francamente o concurso a que elle fôra oppositor, minara-lhe a alma de profundas magoas. Elle desforrou-se d'esta injustiça, erguendo-se como se erguem os homens de talento seguros do terreno que pizam. O curso gratuito que elle deu nas proprias salas da Academia mostrou bem que elle seria dentro em pouco um ornamento do nosso magisterio. Methodo, clareza, lucidez na exposição, palavra fluente e concisa, todos estes dotes essenciaes para qualificar o engenho didatico, elle os possuia como poucos.

Mas por fim não poude mais! succumbio, termo lastimavel de quasi todos os homens de grande força de vida do espirito e do coração! Os revezes da adversidade não são simples infortunios para estas organizações superfinas, são feridas profundas, que em breves dias lhes minam a existencia.

Hoje, o desconhecido que deseje desfolhar algumas saudades sobre o derradeiro logar onde repousam as cinzas do desditoso mancebo, entre no cemiterio do Alto de S. João. Em cima de algumas pedras rusticas, á maneira de monumento celta, hastea-se uma cruz tosea: na cavidade que fórma esta especie de lappa, vé-se encravado um athaude: ao lado está inclinada uma harpa, e em cima uma corôa de perpetuas.

É ali o logar onde descansa o cadaver de D. José de Almada, o poeta christão.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

CESAR NO EGYPTO

(Excerpto da traducção inedita da Pharsalia de Lucano
pelo Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho.)

PRINCIPIO DO LIVRO 10.

Perseguido a Pompeu decapitado,
já Cesar aportou na praia infanda.
Já lá estão frente a frente, a grão fortuna
do general romano, e o teu destino,
ó scelerado Egypto! É vinda a hora
que alfim vai decidir se aos pés de Roma
cáia o reino de Lago, ou se alta Memphis,
qual a Pompeu truncou, degole a Cesar.

Manes, sombra de Magno, a vida ao sogro
quem a salva sois vós; eil-o fiado
nos auspicios da horrifica tragedia,
atrás de seus pendões marcha animoso
direito a Alexandria. Então presente
no murmurar do povo contra os fascas
da romana invasora prepotencia
que o rodeia a discordia, que atravessa
por animos hostis, que o fero exicio
do genro, do rival, lhe não deu fructos.
Dissimula o temor; percorre afoito
sédes de deuses, templo de Serápis,
do poder macedonio avitas provas.

Os doirados, a pompa, as ceremonias,
as muralhas, em vão tentam prender-lhe
o distraído olhar; ambições todo,
baixa ao antro que os tumulos recata.

Lá, do Pelleu Philippe o filho insano,
o salteador feliz (mercê dos Fados!)
dorme o perpetuo somno; ossos que haviam
de se espalhar pelo orbe, e ser calcados,
a veneranda cripta os acolheram;
acatou-lhe o destino os impios manes;
guarda-o rei 'té á ultima; que um dia,
se o mundo reconquista a liberdade,
já sabe onde ir vingar-se. Ah! que ludibrios,
salutar escarmento a usurpadores,
lhe hão-de esmagar o orgulho! Incontentavel
saiu da Macedonia, herança obscura
dos avoengos seus; despresa Athenas,
conquista de seu pae; co'a espada em punho,
o turbilhão dos Fados o arremessa
por sobre os povos d'Asia; o lucto, os ferros,
crescem á sua voz de gente em gente.
De sangue Indiano e Persico trashedam
Ganges, Euphrates. Como peste, assola
toda a amplidão da terra; como raio,
fere a um tempo as nações; como um cometa,
ameaça a quanto existe. Undosas raias
não cuide o mar oppor-lhe; ahi vão já frotas.
Oceano, fogo, Hammon, a Libya, as Syrtes,
que montam! pela azul devexidade
descêra aos fins do mundo; os polos ambos
cercára; beberia a fonte ao Nilo:
mas atalhou-o a morte. Ao rei furioso
não soube a Natureza outro remedio.
Caiu! sua ambição, seu vasto imperio,
tudo caiu com elle; ao mundo escravo,
não testou successor; deixou-lhe livre
desmembrar-se á vontade em povos cento.
Sequer, morreu na sua Babylonia,
e inda aos Parthos medonho! aos convisinhos
orientaes, oh vergonha! apavoravam-nos
em dobro as macedonicas sarissas
que hoje os pilos de Roma, — hoje, que ao Arctos

damos leis, damos leis á plaga occidua,
 dos Zephyros manção, e ás que se estendem
 por traz do Noto ardente; hoje, cedemos
 lá no levante a Arsacides dominios!
 A Parthia, tão funesta aos nossos Crassos,
 era da humilde Pella então provincia.

Chega do Nilio golfo de Pelusa
 o rei menino, e ao povo imbelle acalma.
 Em taes refens de paz Cesar fiado,
 já no paço Pelleu se crê seguro.

Em pequena birême eis vem Cleópatra;
 peitou de Pharo a guarda; á trega prôa
 a cadeia se abriu; dà Emacia estancia,
 sem que Cesar o sonhe, está já dentro!
 ella, a affronta do Egypto, a Erinnys torva,
 lasciva em damno ao Lacio! Argos e Troya,
 da Spartana a funesta formosura
 mór damno vos não fez, que a d'esta aos nossos,
 ateando mais e mais na Hesperia as furias.
 Ao som do sistro d'ella, o Capitolio
 tremeu, se ousou dizel-o! a nós romanos
 oppoz Canopios vis! ideou triumphante
 levar Cesar captivo a Alexandria!
 sob o Leucadio pégo um dia a sorte
 fluctuou... quasi quasi ha posto o mundo
 aos pés de uma mulher, mulher, e estranha!
 Entrou-lhe essa ambição na prima noite
 em que, de incestos maculada, a filha
 dos Ptolomeus de Cesar foi ao tóro.

Teu delirante amor quem não desculpa,
 Antonio, ao ver em fogo o duro Cesar?
 ennamorado entre impetos e furias,
 no palacio onde vaga gemebundo
 o espectro de Pompeu, Cesar, o adultero,
 em Thessalico sangue inda escorrendo,
 aos cuidados de Marte une os de Venus;
 despe as armas em thalamo defezo;
 sem ser esposo é pae; não pensa em Magno:
 dá-te, ó Julia (que affronta!) irmãos nascidos
 de abominosa mãe! Deixa se instaurem

lá na Libya facções que ha posto em fuga;
 nos affagos da egypcia as horas gasta;
 que Pharon seja d'ella, o mais que importa!
 por ella e não por si, vencer procura.

Cleópatra, fiada na belleza,
 ante elle se apresenta, olhos enchutos,
 semblante dolorido, as tranças bellas
 desgrenhadas com arte, e assim começa:

— « Grão Cesar! se á nobreza amparo devem
 « os nobres corações, em mim descobres
 « clara prole de Lage, o Rei do Egypto.
 « De patria e solio expulsa, exilio eterno
 « me hão votado; soccorre-me, repõe-me
 « na patria, no poder que me usurparam,
 « e eu, rainha, eu feliz, te abraço as plantas.
 « Sê astro de justiça ás praias nossas.
 « Já outras deram leis na Egypcia terra;
 « Pharo sabe acatar as soberanas,
 « como venera os reis. Lê as vontades
 « de meu pae na hora extrema: — « a seus dois filhos,
 « a meu irmão e a mim, lega os estados,
 « e o thalamo em commum.» — Sei que o deseja
 « meu irmão como eu propria; assim Pothino
 « lhe deixasse alvedrio! Esse tyranno
 « espada e coração lhe traz sujeitos.
 « Da herança do poder já nada exijo;
 « rouba ao crime e á vergonha este palacio;
 « bane as armas funestas odiosas
 « de um ministro, satellite importuno,
 « senhor do seu senhor; liberta o Principe;
 « faze-o reinar alfim. Quanta insolencia
 « nos não blasona o vil, desde que a fronte
 « ao grão Pompeu truncou! Truncar a tua,
 « é já projecto seu; projecto horrendo
 « em que o Fado o confunda! Assaz d'opprobrio
 « deu já a ti e ao mundo aquella indigna
 « façanha em que Pothino achou taes premios. » —

Surdo á voz da sereia o duro Cesar
 resistira talvez se ao brando accento
 se não juntára o rosto feiticeiro,

o olhar provocador. Venceu a astuta;
do corrupto juiz caiu nos braços.
Noite infrene d'amor lh'o dá captivo.

Em paz co'o general por dons esplendidos
Cleópatra corôa esta victoria
com solemnes festins; tumultuoso
fausto sem fim, sem termo, inda em taes dias,
incognito aos de Roma! Ares de templo,
e templo quaes depois só poude alçal-os
depravação do luxo, ostenta a sala.
Que riqueza no tecto arthesoado!
esconde oiro maciço as architraves!
as paredes de marmore por dentro
vão revestidas d'ágathas, de sárdios,
alvi-purpurea mescla! os pavimentos,
o que se calca aos pés, são cornelinas!
são d'ébano de Méroe as vastas portas,
não folhadas, mas solidas! o ebano,
robustece adornando a regia estancia!
veste os atrios marfim! os limiares
indica tartaruga, em cujas malhas
viçosas esmeraldas se embutiram!
vêm-se alfaias de jaspe loirejante!
aos toros para a mesa engastam gemmas,
finas, variadas, nitidas! afofam-nos
colxões, cochins, de Tyria grã retinctos;
uns, d'aureas plumas recamados; outros,
ao costume Egyptano, entretecidos
com dobrado escarlata, assombro d'olhos!

Servas, servos sem conto, um povo escravo,
na idade, em côr, em sangue diferentes;
uns, de Lybio cabelo; outros, tão loiros,
que nunca igual doirado em cabelleiras
diz Cesar viu nas Rhenicas planicies;
outros, raça tismada, nus a fronte,
e o de mais da cabeça em grenha crespos.
A uns, foros viris cerecára o ferro,
languente juventude; alguns entre elles
em quadra já mais forte inda comtudo
nem lanuge subtil nas faces mostram.

Já nos toros á mesa se reclinam
 o regio par, e o que em poder lhes ganha,
 Cesar. Do Egypto o sceptro, o irmão consorte,
 á vaidosa Cleópatra não bastam;
 á belleza fatal, seu don nativo,
 cummulou com mão prodiga realces
 com affeitado esmero; o collo, as comas,
 ella toda, resplende assoberbada
 co'as joias, co'o sem numero das perolas
 do rubro mar, por ella empobrecido.
 Sob um volante serico, mais raro
 depois que industriosa egypcia agulha
 a fio e fio o abriu, arfam visiveis
 do seio niveo os torneados pomos.

Sobre pés de marfim se impõe as citrias
 ampli redondas preciosas mesas
 filhas da selva Atlantica; tão bellas
 nunca Cesar as viu, nem quando em Africa
 tomou do preso Juba opimo espolio.

Ai que louca ambição! mostrar grandezas
 ao que anda a civis guerras costumado!
 No hospede armado suscitar invejas!
 mas que não fosse a indole que o leva,
 lidador execrando, a opulentar-se
 da ruina do mundo embora á custa,
 credes vós que os heroes das priscas eras,
 esses da frugal Roma egregios filhos,
 Fabricios, Curios, credes que a taes mesas
 o consul mesmo que saiu do arado
 calloso e envolto em pó, se livraria
 de anhelar para a patria um tal despojo?

Quantos dons para a fome, ou para a gulla,
 produz o Nilo, o mar, a terra, o globo,
 aves, feras, do Egypto idolatrias,
 tudo em aureas baixellas vem trazido.
 Cristal aguas do Nilo ás mãos presenta.
 Em grandes gémmas concavas scintilla
 nobre vinho, não d'uva Mareotide,
 senão puro Falerno, envelhecido
 em breves annos pelo sol de Méroe,

generoso licor, fervente, espumeo.
 Corôa alegre as fronte dos convivas
 a rosa ali perenne e a flor do nardo.
 Pelos cabellos mádidos se infunde
 oriental cinamomo, que a fragrancia
 em região tão longe inda conserva,
 e o de visinha messe amomo fresco.

Os thesoiros do mundo em seu thesoiro
 absorver, cummular, sabia-o Cesar;
 na arte de os consumir veiu instruir-se;
 guerra a genro tão pobre oh que vergonha!
 aqui, sim! quem lhe dera já pretextos
 de conquistar o Egypto.

Emfim poz termo
 ao banquete e ao beber cançada a gulla;
 Cesar traça com praticas prolixas
 ir protraíndo a noite; assim, voltando-se
 para o velho Achoreu, de alva de linho,
 pontifical figura, a quem na mesa
 coube o logar de principe, lhe falla
 curioso e cortez:

—«Ancião pontifice,
 «e, se hei de crer nas cãs, dilecto aos numes,
 «narra-nos os primordios d'este povo,
 «que região esta seja, usanças, ritos,
 «fórmãs de deuses, vultos, se os lá tendes
 «lavrados nesses aditos vetustos.
 «Em summa, quanto aos deuses se refere
 «será, se nol-o expões, glorificál-os.
 «Já outr'ora a Platão, o atheniense,
 «predecessores teus iniciaram
 «nestes vossos misterios; menos digno
 «de os ouvir não sou eu; á fé, pontifice,
 «que nunca haverás hospede mais prompto
 «para abraçar o mundo! Ás vossas praias
 «vim, é verdade, procurar meu genro,
 «mas não menos a vós. Nunca entre as lides
 «deixei de estudar ceos, estrellas, numes;
 «do Platonico Eudoxo o calendario
 «não dá de rosto ao meu. Posto me abraze
 «indomito valor, adoro, anhelô
 «a sciencia, a verdade; e que phenomenos

«de mór empenho ha 'hi, que essas enchentes
«do vosso rio, aos seculos enigma,
«e sua abstrusa fonte; eu vel-a! eu vel-a!
«que m'o affiance alguem... ver-se-ha quão prestes
«Deixo as guerras civis.»—

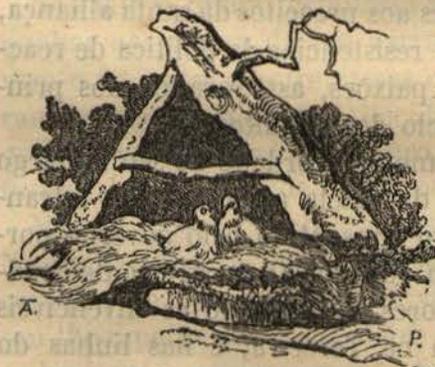
Disse.....

J. F. DE CASTILHO

(Continua.)

PASSOS MANOEL

IV



cidade de Coimbra, aonde estudava o futuro ministro da revolução de setembro, não abraçou com menos entusiasmo as novidades prometidas pela fundação do systema representativo.

O ardor juvenil, o facil enlevo da mocidade com as illusões, e a generosidade de idéas e de instinctos, natural em almas ainda puras de preocupações interessadas, recrutar

ram desde logo fervorosos adeptos ás reformas proclamadas no Porto e em Lisboa. As luminarias, os hymnos patrioticos, os foguetes, os sonetos, e o brixie nacional attestaram na lusa Athenas a vehemencia do jubilo espontaneo, do mesmo modo, que nas duas capitaes, aonde a queda da regencia e do regimen imposto por Carr-Beresford provocára unanimes aclamações.

Manoel Passos frequentava a esse tempo as aulas de direito canonico, e tanto elle, como seu irmão José da Silva Passos, saudaram a bandeira hasteada pela Junta do Porto como aus-

picioso symbolo da regeneração do paiz, e como base dos melhoramentos que tinham sonhado nas horas, em que a imaginação, soltando-se livre, se atrevia a conceber todos os committimentos da liberdade, cujos ritos muitos ainda ignoravam em parte, ou unicamente conheciam pela tradição dos livros e memorias de outros povos.

A exaltação dos poucos annos, segundo acontece de ordinario, occultava a ambos os precipicios, em que duas vezes haviam de perecer as modernas instituições antes que primeiro triumphassem por meio das armas. A nação antes adormecida, e depois quebrantada pelos esforços heroicos da lucta da independencia, não podia por ora acompanhar convencida as aspirações dos homens eminentes, que se propunham guial-a, nem os transportes de uma juventude impaciente, que reputava exequível tudo quanto lhe diziam as theorias recentes e as paginas republicanas da antiguidade.

D. João VI voltou do Brasil. Os deputados oraram nas cortes com a pompa tribunicia, propria das épocas de innocencia constitucional. A metropole desvaneceu da frente o ignominioso rotulo de colonia britannica. Os officiaes inglezes, por fim despedidos das fileiras do nosso exercito, partiram atraz de lord Beresford, e foram explicar á sua patria esta severa lição, que destruiu para sempre as esperanças de dominação, imaginada por alguns estadistas, mais obedientes aos preceitos da santa alliança, do que advertidos dos perigos e resistencias da politica de reacção, impotente para refrear as paixões, assegurando aos principes a tranquillidade e o silencio dos subditos.

Mas o povo portuguez, subitamente acordado do seu lethargo pelos estimulos pungentissimos da tutela afrontosa dos estrangeiros e pela indignação do jugo consentido pelo governo portuguez, estaria no caso pela sua educação e progresso de coadjuvar os intentos dos reformadores, levantando as invenciveis barreiras, que depois salvaram na Terceira, e nas linhas do Porto e de Lisboa a sua causa? Não por certo!

Assistia aos festejos, ás eleições e ás paradas; ouvia discutir na salla da camara das Necessidades as theses mais inflammadas, e de cima nas tribunas coroava de applausos a eloquencia de Borges Carneiro, do deputado Moura, e a de todos os oradores, que se presava de conceituar como seus oraculos. Rico de direitos theoricos, de dissertações fastuosas, e de traducções mais, ou menos elegantes das paginas de Rousseau e de Bentham, ou dos discursos da assembléa constituinte de França, vinha acabar de enebriar o seu patriotismo nos artigos fogosos dos jornaes

da época, aos quaes o código politico e ultra-democratico de 1828, apesar de inapplicavel, ainda se afigurava uma concessão indesculpavel.

Dois annos decorreram, empregados por uns em trasladar com pouco exame para a letra morta de leis sem execução os modelos francezes e as exaggerações hespanholas, consumidos por outros em meditar a contra-revolução no meio das polemicas, dos festejos, e das manifestações populares. O absolutismo seguro da sua força espreitava a occasião, dissimulando os odios e aprazando para depois da victoria a repressão, que havia de callar a voz dos libertinos, dos pedreiros-livres, e dos inimigos do throno e do altar.

O exercito, que proclamára a constituição, encarregou-se de a derribar. Não lhe foi preciso combater. Não houve lucta. As tropas fizeram um passeio militar; o rei sahio para Villa-Franca; e as cortes dispersaram-se, deixando um protesto, que apesar de toda a sua moderação nem todos os deputados ousaram assignar. Sem o pedir, ou o ter desejado, D. João vi achou-se outra vez investido no pleno exercicio do poder absoluto e da infallibilidade monarchica. O zelo dos partidarios da auctoridade real, das classes lesadas, ou assustadas pela constituição, e as bayonetas dos regimentos juncaram-lhe as estradas até Lisboa de palmas e de flores.

Não faltou quem disputasse ás parelhas de Alter a gloria de puchar aos varaes do seu carro triumphal. Á entrada aguardavam-o as mesmas estrepitosas ovações, que tantas vezes alegraram os dias de gala da fallecida constituição. No espaço de algumas horas o maior numero não poupou diligencias para se tornar digno da medalha da poeira!

Manoel Passos concluia o seu curso de canones e de direito. N'aquella idade as inconstancias da fortuna não cortam mais o coração, do que a magoa de ver desfeitas as illusões. Trespasou-lhe o peito uma verdadeira dôr. Nos ultimos mezes, quando os horisontes principiaram a toldar-se, e a invasão dos soldados de Luiz xviii, passando o Bidassoa, não só ameaçava a Hespanha liberal, mas Portugal, e as instituições constitucionaes em toda a Europa. A chegada do correio da capital, esperada com alvoroço pelos estudantes apinhados na ponte, servia de texto a conjecturas, a planos, e a apostas juvenis, que nem sempre terminavam com o desengano.

Aberta a malla, e lidas as cartas e as folhas periodicas, as noticias divulgavam-se, e commentadas com a vehemencia apaixonada de animos inexperientes e desprendidos, alimentavam

por alguns dias a curiosidade e as disputas academicas. Quando finalmente se annunciou com a vinda do postilhão da corte a fatal nova dos successos, que precederam, e decidiram a reacção de Villa-Franca, a alma dos modernos Grachos cubriu-se de luto, as lagrimas correram de seus olhos, e alguns mais impetuosos juraram não sobreviver á patria, immortalisando com o suicidio de Catão as exequias da liberdade. Manoel da Silva Passos, e seu irmão, foram dos mais ardentes n'este sentimento, e alguns amigos menos exaltados não lidaram pouco par lhes persuadir, que deviam reservar para dias menos funestos a vida que o primeiro trance lhes representava já tão aborrecida e insupportavel.

Terminados os estudos no meio da confusão d'estes acontecimentos contrarios e repentinos, e mal cicatrisadas ainda as feridas rasgadas por elles, Passos Manoel recolheu-se á sua terra natal, e, separado do bulicio do mundo, continuou no seio da intimidade do lar domestico, a leitura e meditação dos grandes escriptores, acabando de se familiarisar com elles, e preparando-se, sem o saber, para os combates e fadigas da imprensa, que o aguardavam d'ahi a poucos annos. Da sua frequencia na Universidade trouxe a grata recordação do premio de quarenta mil réis, com que os lentes distinguiram o seu engenho e aproveitamento, e a honrosa nota lançada nas suas informações pelo voto unanime da faculdade. Encerrada assim a carreira de estudante, começou a do cidadão dedicado e a do publicista esclarecido. Fortificada pelos trabalhos, e allumiada depois de 1828 pelo esplendor de uma cultura mais esclarecida, observada em França e na Belgica, a sua vocação manifestou-se vigorosa, e sem hesitar entre os diversos caminhos, que as apertadas circumstancias lhe depararam, levou-o quasi pela mão das alturas da tribuna ás eminencias do poder, sempre coroado de applausos, sempre acatado pela pureza e lisura das intenções, sempre venerado pelo conceito merecido por a sua respeitada probidade, da qual nem a calumnia se atreveu nunca a duvidar.

V

Atravessaremos, detendo-nos pouco, o doloroso periodo, que medeia desde a queda da constituição de 1820 até á restauração de 1834. As convulsões de uma terra generosa, os erros e violencias dos bandos, que a dilaceraram, e o quadro heroico da lucta, que assignalou com invejadas proesas o nome do imperador D. Pedro e de seus companheiros de armas, não care-

cem de ser avivados a cada instante para nos lembrarem como instructivo e glorioso exemplo.

D. João vi, reassumindo o mando absoluto em 1823, não fugira das instituições livres, que a indole pacifica e a natural agudeza lhe diziam, serem o melhor escudo, que um principe indolente, bondoso, theologo, e philosopho pratico, como elle, podia oppôr á inquietação e ás vicissitudes dos tempos. O re-não foi a Villa Franca para revogar o codigo politico, ou proscrever os oradores do congresso, acudiu a tomar o passo á sublevação militar, resgatando a sua corôa ameaçada das mãos da facção apostolica.

Apesar da somnolencia apparente Sua Magestade era dotado de finissima penetração, conhecia os homens e as coisas do seu reino, e não se deixava seduzir pelas vagas e pomposas declamações dos doutores e praxistas ácerca do direito divino e da ligitimidade da soberania derivada das leis cesareas. Pouco lhe importava o principio, a que devia o throno, com tanto que o deixassem morrer sentado n'elle. A um de seus ministros de 1822 nunca esqueceu o sorriso malicioso, com que o neto de D. José i lhe propoz um dia, que, se acaso Portugal tivesse de se constituir em republica, consul por consul, primeiro o nomeassem a elle, porque se accommodava comtudo, e já cá estava!

Os frades prégadores temiam-o como implacavel censor dos maus sermões, e os defensores exagerados do solio e do altar, percebendo que os artificios mundanos do seu zélo não escapavam á vista de lince d'aquelles olhos, que liam, quando queriam, no fundo do coração todos os segredos, accusavam o monarcha de conspirar contra si mesmo, lançavam-lhe em rosto certa affeição aos pedreiros livres, e insinuados pela rainha advogavam a necessidade de pôr o rei em tutella afim salvar a monarchia.

A tentativa de 30 abril de 1824 não significou outra cousa. D. João vi, tornado suspeito, caminhava na opinião dos apostolicos a passos largos para o cadafalso de Luiz xvi. Era indispensavel valer-lhe, e obrigar-o a ser o verdadeiro pai de seus vassallos, felicitando-os com algumas d'aquellas suaves correções patibulares, que estream em Hespanha a clemencia de Fernando vii. O rei preferiu retirar-se para bordo da nau *Windsor Castle*, e desembarcar de lá com as mãos limpas de sangue, e o peito vazio de odios e remorsos. Os seus amigos da Abrilada nunca lhe perdoaram este acto de alta traição. Porque não quiz elle abdicar nas sacristias, expurgar o paiz de maçons e de liberaes, e em quanto as victimas gemiam, não se entretinha a gar-

gantear em Mafra, á estante o seu cantoxão figurado, em que nenhum capellão cantor o excedia?!

Eis a razão, porque, falecendo el-rei em 10 de março de 1826 os liberaes choravam tão sentidos, e os absolutistas encolhiam os hombros. O marido da senhora D. Carlota Joaquina nunca atrahira deveras senão as sympathias dos primeiros. Os ultimos encommendaram a sua alma a Deus como bons catholicos, magradeceram talvez ao céo a sua falta como um embaraço de menos, e não pequeno, que a providencia desviára para favorecer os seus devotos planos.

N'esse tempo ainda uns olhavam para o Rio de Janeiro, e os outros, em menor numero, para Vianna de Austria. O que decidiu depois a todos, e os virou sem excepção para Vianna foi a outhorga da carta constitucional. Os escrupulos principiam com a leitura, e os convencimentos arreigaram-se mais com a execução d'ella. Os successos de 1828 repetiram com melhor exito a representação do drama pateado em villa Franca e na rebellião de 30 de abril. A imprudencia do partido liberal, entregando pela segunda vez as chaves de suas fortalezas aos contrarios, animou-os a realisar o plano mimoso da conspiração permanente.

Corramos um véo sobre episodios tão tristes; e alongando a vista, além dos mares, busquemos a Manuel Passos no desterro, no meio dos companheiros do infortunio, que depois de restituído á patria o haviam de ser tambem em grande parte de seus esforços nas lides constitucionaes.

Os dias escoam-se lentos e sombrios para os que á beira de terras estranhas sentem as saudades do berço natal retalharem-lhes a alma, e a esperanza de a tornar a ver sumir-se e desaparecer por entre as nevoas de um clima que parece estar revendo todas as tristezas de seu peito. Repartidos pelos depositos de França, de Inglaterra e da Belgica os emigrados portuguezes molhavam de lagrimas o amargoroso pão de exilio, e como o Dante proscripto aprendiam da propria dôr a conhecer quanto punge em corações ulcerados a forçada hospitalidade do estrangeiro.

Ausentes dos seus, separados, sem saber se até á morte, dos pais decrepitos, das esposas e dos filhos, contavam os annos de captiveiro como seculos, e com o ouvido attento escutavam o som amortecido dos canhões da Terceira, derradeiro e invencivel balluarte, aonde muitos anciavam ir derramar o sangue, trocando os ocios magoados pela actividade proveitosa, a inercia constragida pela vida arriscada do soldado, que por

meio de combates, de perigos e de triumphos vai levantando padrões na via miliaria, que unicamente pôde reconduzil-o ás portas da patria, que o ferro lhe cerrou, e que só a espada conseguirá devassar-lhe.

Um acontecimento não previsto veio subitamente dar vulto á empresa, que a fidelidade d'aquelle punhado de guerreiros se empenhava em sustentar, defendendo os penhascos de uma ilha, que no meio de oceano, batida pelas tempestades e pelas armas, encerrava, todavia, dentro de seus estreitos limites os destinos de Portugal, e o futuro de uma causa, que reis e povos pareciam a esse tempo desamparar como perdida.

O Imperador do Brazil, abdicando em 7 de abril de 1831, desembarcou em Falmouth a 9 de junho, e com a sua presença, com a energia do seu character, e com a auctoridade do seu nome e jerarchia veio reanimar as desfalecidas reliquias do partido da rainha. Os emigrados dispersos em diversos reinos e provincias correram a rodear o principe, que a fortuna chamára de tão longe para os guiar como seu chefe. A grande alma de D. Pedro infundio-se na alma de todos. O que dias antes se reputava temeridade agora representava-se a todos um, commettimento inspirado pela providencia. A conquista de Portugal, guarnecido por legiões inteiras de soldados e de meliciãs, parecia-lhe facil e prompta desde que o filho de D. João IV ia pisar o sólo, aonde nascéra. Os mais incredulos e desconfiados, caindo na exageração opposta, tudo pintavam côr de roza. O povo nas praias saudando a principe! As estradas cobertas de flores até á capital! Os inimigos vencidos e fulminados sem disparar um tiro! Era o que tambem affiançavam as cartas de alguns liberaes homisiados, que a impaciencia e os bons desejos offuscavam. Os resultados depressa haviam de desmentil-os.

O imperador julgava-se obrigado por deveres de honra a aceitar a missão que tantos votos lhe propunham. Os brios do sangue e o amor da gloria asseguravam-lhe, que mais valia, depois de duas coróas engeitadas, o tumulto de capitão e de heroe, do que a obscuridade de uma existencia inutil. Incansavel e resolute, como sempre se mostrou em todos os designios, partio para Inglaterra, negociou os primeiros emprestimos, e procurou penhorar a benevolencia do gabinete britannico. De lá voou a Paris, e advogando com ardor a sua causa, não foi menos bem succedido perante o ministerio de Luiz Philippe, que a revolução de julho elevára recentemente ao throno. Assumindo então a regencia na minoridade de sua filha mettu deliberadamente os hombros ao intento de lhe restituir a co-

rôa, organisando a esquadra e o exercito, que a prudencia lhe dizia serem indispensaveis para o seu fim.

Entretanto as rivalidades, que tinham desunido no desterro a familia liberal, não emudeceram de todo com a chegada do imperador. Poderam mais as discordias, do que a reflexão. Vendo ao lado do principe, no cargo de seus conselheiros, alguns dos homens apontados pela aversão de muitos por fautores, ou cúmplices das humilhações da emigração, prevaleceu a antipathia sobre o interesse politico, e lavrou a dissidencia por entre fileiras, que a necessidade aconselhava a unirem-se diante do perigo commum, deixando para mais tarde discussões superfluas.

A regencia de D. Pedro foi contestada, e um escriptor, que depois grangeou titulos mais dignos de conceito, como deputado e ministro da rainha, o coronel Rodrigo Pinto Pizarro, em um opusculo denominado «*Norma das Regencias*» declarando-se contra o supremo poder, em que a urgencia da salvação publica investira o duque de Bragança, attribuia exclusivamente ás cortes a iniciativa e a legalidade da nomeação. Mas as cortes estavam longe; a terra em que se haviam de congregar achava-se occupada pelo governo intruzo; e só uma dictadura em mãos vigorosas podia supplantar os obstaculos, que previam os mais experientes e desenganados.

Infelizmente uma ordem assignada por Candido José Xavier, ordem impotente e arbitraria, pretendeu castigar a livre manifestação do pensamento como um attentado de lesa magestade, decretando a prisão do coronel Pizarro! Ateu-se um incendio, do que esquecido nem chegaria a levantar uma leve chamma, e Manoel Passos e seu irmão José da Silva Passos, que estreitos vinculos de amizade ligavam a Rodrigo Pinto e ao general, hoje duque de Saldanha, não trepidaram em se offerecer como novo alvo ás iras do ministro, publicando um escripto em Eaubonne a 15 de janeiro de 1832, intitulado: «*Parecer de dous advogados da casa do Porto sobre a carta do secretario camara-rio de sua magestade o ex-imperador do Brazil, e sobre a comunicação feita por sua magestade imperial o senhor D. Pedro de Bragança ao general conde de Saldanha na audiencia de 13 do corrente.*»

O estylo e os argumentos d'este folheto de 23 paginas revelam o engenho de Manoel Passos. Austero na doutrina, benevolo na fórma, e incisivo nos raciocinios amenisa com abundantes citações e alguns rasgos de imaginação a aridez do thema juridico. Fallando do imperador nunca esquece o respeito devido

á cathegoria e aos perigos do pai da rainha; e declinando todas as consequencias do acto illegal sobre a prepotencia do ministro, escarmenta-a com justa severidade, não lhe poupando o orgulho, nem a ousadia.

As maiores sombras dissiparam-se á medida que os aprestos para a expedição se adiantavam, e os navios da armada constitucional, desfaldando finalmente as velas no meio das benções até dos que ficavam retidos pelos annos, pelas enfermidades, ou pelo preceito dos conselheiros do imperador, despediram-se das praias de França, e despregaram pouco depois as cores da liberdade nas aguas da Terceira. Quem lhes vaticinaria então, que na terra, que iam buscar, imaginando encontral-a com os braços abertos para os receber, as aguardavam os lances, as pelejas e as miserias de um cerco disputado, e a fama de uma verdadeira illiada de briosos feitos, que um dia a posteridade não acreditaria se a historia os não confirmasse?

VI

A guerra civil prolongou-se. Cada cidade importante, cada palmo de territorio custou uma peleja e torrentes de sangue. A defeza do regimen antigo foi tão decidida em Portugal como na Hespanha. Combatiam contra elle as idéas do seculo, a influencia das classes medias, e as sympathias de quasi toda a Europa constitucional, e apesar d'isso não entregou a espada, senão quando se convenceu, de que a fortuna lhe tinha voltado para sempre as costas.

A geração liberal, que arrostou com todos os revezes e sacrificios para fundar a liberdade e cingir a corôa na fronte da filha de D. Pedro, geração que todos os dias vé as suas gloriosas fileiras rareadas pela morte, foi um modéllo de heroismo e de abnegação. As estreitezas de um sitio apertado, agravadas pela fome e pelas agonias da cruel epidemia, que ceifou tantas victimas em todo o reino; as bombas cruzando-se e estalando sobre os quarteis e os edificios; as tempestades cerrando a entrada da barra aos viveres e munições; as ballas e os pelouros varrendo as linhas a todos os instantes; a esperanza desmaiando até nos mais intrepidos corações, eis o quadro, que offerencia o Porto, verdadeiro berço de muralhas das instituições modernas, segundo a phrase do rei dos nossos poetas lyricos.

A existencia assim atalhada por trabalhos, sobresaltos, e privações era para consumir dentro de alguns mezes a mais robusta compleição. O primeiro que pagou á victoria o seu dolo-

roso tributo foi o imperador. O que padeceu e callou nas horas de tribulação e nas inquietas vigílias, esgotando até ás fezes o calix de todas as amarguras, soube-o Deus e elle. Terminada a lucta, com trinta e seis annos de idade, podia dizer que vivera mais de setenta, tão cortado o deixaram os cuidados e as fadigas. Achou-se velho de corpo, não de espirito, na flor da vida. Ao maior numero de seus companheiros de armas aconteceu o mesmo. Muitos encaneceram quasi de repente como anciãos; outros, encobrando melhor as ruínas, mal apontaram a pouco mais de metade da carreira uzual caíram inanimés sobre os degraus do tumulo.

O que intentaram e venceram aquelles homens, o que immolaram de si proprios e de tudo o que amavam á sua causa, não ha louvores, ou remunerações, que lh'o recompensem. Somos os seus herdeiros. Estamos colhendo e arrecadando os fructos da seára, que elles semearam, regando-a de sangue e de lagrimas. Ao menos que a ingratição não intristeça os que ainda restam! São nossos pais e nossos mestres no exemplo. Inclinemo-nos diante dos que passam cobertos de gloria e tambem de pobreza, não raras vezes! Oremos reconhecidos sobre a sepultura dos que já não existem, senão como os heroes de Homero nas paginas da epopeia! O que valemós nós, obreiros da palavra e da penna, ao pé d'esses homens fundidos em bronze, inflexiveis como o dever, resignados na presença do infortunio, invenciveis a despeito de todos os obstaculos?

Manoel Passos pertencia a esta raça, que só mais tarde será devidamente apreciada. Tinha trinta e tres annos, quando encostou a espingarda, e mudou a farda de voluntario pela toga tribunicia. Imaginoso e ousado confiava nos poderes da intelligencia para abrir largo caminho diante de si, e se não temia as responsabilidades do governo era porque, inspirado pelas suas crenças politicas, esperava realisal-as, oppondo a audacia natural ás hesitações, e a vontade perseverante ás difficuldades.

Alistado no gremio, que desde a emigração hostilisava os conselheiros mais do seio do imperador, sobresaíra no desterro, durante a lucta, e nos mezes immediatos á convenção de Evora Monte, pelo ardor da sua polemica vehemente, mas sempre cortez, e pela facilidade da eloquencia persuasiva e arrebata. Os resentimentos, a que alludimos, gerados nos dias de tristeza do exilio, haviam-se dilatado no Porto á sombra das armas, e creando raizes tinham já a essa hora dividido o exercito e as opiniões em dois partidos, cuja phisionomia cada vez se ia caracterisando mais. Os ministros de D. Pedro e os indi-

viduos mais da intimidade e confidencia d'elles compunham o primeiro; os descontentes, que eram numerosos, os impacientes, e os exaltados formavam o segundo. Entre os dois a rivalidade a principio, e os odios depois, não lavraram com menor impeto, do que a guerra entre os dois campos inimigos, que povoados de irmãos não se avistavam, tambem, senão para se gladiarem logo sem quartel.

Vão longe aquelles tempos, em que as paixões reinaram mais do que a razão. Estão olvidadas as accusações, que tinham o fatal condão de incendiar os animos, despregando sobre o paiz as furias das discordias civis. A verdade póde hoje dizer tudo sem receio e imparcialmente. Mousinho da Silveira, Silva Carvalho, Agostinho José Freire, o duque de Palmella, e tantos nomes consagrados na boa memoria da nação, mereciam as censuras, as invectivas, e as suspeitas, que os feriram? Tramavam contra a liberdade, quando por ella affrontaram todos os perigos, e respondiam á adversidade com uma constancia inabalavel? Sonharam usurpações e dictaduras absurdas, elles, que, foram depois tantas vezes os fiadores propostos pelo povo, e os guardas vigilantes e honrados das instituições? Não de certo! Mas a ira não discute, clama. A calumnia enegrece, mancha, ultraja, e treme da evidencia!

O crime unico porque os culpavam, era o de porfiarem em ser ministros. A amizade de D. Pedro, e os serviços prestados em momentos decisivos, aos olhos dos ambiciosos constituam as circumstancias mais agravantes. Estes réos convictos de patriotismo e devoção liberal haviam levantado as avultadas sommas despendidas com o armamento das tropas e dos navios; tinham conservado a esperanza, quando um palido terror olhava para as aguas do Douro, e via n'ellas o derradeiro refugio depois da derrota inevitavel; haviam negociado e obtido a adhesão e os soccorros da França e da Gran-Bertenha; tinham concebido, municiado, e acompanhado as expedições, que apressaram o desenlace da contenda; finalmente, demolindo todos os esteios do absolutismo, e arrazando pelos fundamentos os alicerces da sociedade velha, proscreveram as aristocracias privilegiadas, desarmaram os adversarios implacaveis do systema representativo, e lavraram a carta de alforria da terra e das industrias!

Ninguem obrou tanto em favor dos progressos e do povo. Ninguem trabalhou com maior esforço em rasgar as sendas do futuro. Não lhe perdoaram os vencidos, e os lesados? Não os entenderam os timidos e os contemporisadores? Se os poupas-

sem é que devíamos admirar-nos, ou mais exacto é que deveríamos duvidar da certeza dos golpes, que tinham descarregado.

O partido, que então se chamava simplesmente a «oposição», e que dois annos depois, adoptando a revolução nocturna de Lisboa, aceitou o titulo de setembrista, representava a natural impaciencia dos homens novos, a sêde de gloria, em que elles se abrazavam, e abrazam de ordinario, e aquelle ardente desejo de assignalar pela acção o engenho e as doutrinas, condição essencial, e segredo vivificador das monarchias constitucionaes. Voando ao assalto das posições occupadas por antagonistas, que se julgavam indispensaveis, e que por erro sempre funesto e repetido se negavam a repartir com os mais moços a direcção dos negocios e os thesouros da experiencia, flagelaram sem piedade a quem os repellia, converteram em delictos capitaes as leves faltas, e puniram o monopolio tacito do poder, attribuindo-o a motivos menos decorosos e a ruinosas e impuras especulações.

A historia dirá um dia que ambos se enganaram. A justiça dos contemporaneos já absolveu a muitos, cuja herança se reduziu ao grande nome, que legaram. A justiça da posteridade acabará de rehabilitar a todos. Manoel Passos com a lealdade de sentimentos, timbre da generosa indole, prestou primeiro, do que ninguem, este honroso testemunho. De seus labios eloquentes rebentaram palavras affectuosas e convencidas, dignas da nobresa da sua alma. Para ser grande e acatado não carecia de que os outros fossem pequenos, ou figurassem envilecidos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.

POETAS E PROSADORES

(CARTAS A ERNESTO BIESTER)

III



a muitos annos que eu ouço falar na associação de escriptores, denominada *elogio-mutuo*. Constatava, nas provincias do norte, que, n'esta Lisboa, viveiro e alcaçar dos potentados da intelligencia, alguns escriptores se haviam acamaradado, e estatuido que uns aos outros se elogiariam de modo que, fóra do seu circulo, nenhum talento podesse vingar, e nenhuma imprensa dêsse noticia d'elle ao mundo. Entre os confrades d'esta associação do panegyrico, citava-se o teu nome, Ernesto Biester, como um dos mais observantes e impecaveis socios do *elogio-mutuo*.

Este pacto, censurado acrimoniosamente pelos escriptores provincianos, a mim não me pareceu bom nem máo. A gente, que eu via louvada e encarecida nas tuas revistas litterarias, merecia sel-o: a outra, que tu não encarecias nem barateavas, tambem eu

a não conhecia. Póde ser que tivesses muita razão e muita caridade em a deixar no tinteiro. Eu tambem lá fiquei, e mais nove volumes que tinha publicado, quando tu, ha annos, déste a lume uma *Viagem pela litteratura contemporanea*. Não me queixei, nem me doí. Dei uma satisfação á minha vaidade, dizendo-lhe que nenhum escriptor lisbonense achava praticavel o absurdo de haver homem no Porto, ou do Porto, que escrevesse livros legiveis e, de mais a mais, louvaveis. Accredittava aqui ninguem que lá, d'aquellas serras do norte, podesse vir coisa boa, a não ser vinho e presuntos? O Porto havia mandado para Lisboa mais alguma coisa, assim uma coisa insignificante como a liberdade; mas essa remessa fôra uma dadiwa atirada, por sobre toda a monarchia, com pulso de ferro; e pulso de ferro é idéa muito material, quasi a antithese de adelgacamento de intellecto.

Era este o meu intender n'isto de elogio-mutuo; e, se não era o mais acertado, vinha a ser o menos molesto á tua fama e á dos teus camaradas. Entre todos, porém, eras tu o mais benevolo comnosco, pobres rabiscadores provinciaes, como o florentissimo Latino Coelho nos denominava. Olha se te lembras de umas chronicas em que o illustre professor, á vez com o Sr. Silva Tullio, e outros de igual nervo, nos punham a pão de pedir; mas isto com um varejo de lusitanismos tal que as victimas saíam sobre modo agradecidas da esfrega, e aprendiam muito. N'uma d'essas esfusias, fiquei eu tolhido por ter suspirado uma nenia sobre o cada-ver de um amphibio, que exhalou, no Porto, o seu espirito de phoca. Ha de sempre lembrar-me que estive a pique de ser mettido n'um romance pelo meu mestre e amigo Tullio! Se o romance viesse a lume, um terço da gloria em publicação de livro, como elle havia de ser, recamado de joias classicas, era indisputavelmente meu. As letras devem a Molière o «Peão-fidalgo» e o «Tartufo»; mas aquelles dois thesouros de verdade e graça deu-os primariamente a parlapatice e a hypocrisia. Ora, se o disertio Tullio me romanceasse, a causa occasional do seu livro d'oiro seria a minha pascacice de lamurear defuntas phocas e quejandas alimarias.

Voltando ao ponto do elogio-mutuo: quando comecei de fazer umas visitas a Lisboa, e te conheci bem de raiz, e aos outros escriptores mais ou menos pela rama, achei que tal não havia de se estarem convencionalmente os magnatas em fumigação de incensos. O que eu vi foi em ti um louvavel e raro fervor de dizer bem de todos, admirando sem favor os grandes, e lustrando as baças producções dos pequenos com o verniz do estylo, quer descobrindo altas philosophias nas impolas da elocução ramalhuda,

quer aventando Mussets e Zurrilhas n'algum esgrouviado bardo que mandava o nome da sua amada aos anjos, aos anjos, de cuja bondade o poeta devia unicamente esperar indulgencia.

Não eras tu sómente archivista louvaminheiro do poema, da comedia, e do romance: eras mais que tudo, author de successivos dramas applaudidos. Nas mais repetidas composições do repertorio do theatro normal assignalavam-se as tuas. Os litteratos sublimes da tua benevolencia iam ver-t'as como qualquer mortal; assistiam ás ovações espontaneas das platéas, e confirmavam a publica sanção com um gesto de consentimento, que valia muito dinheiro, se fosse coisa que se pagasse. Ora, como se dava que nenhum dos litterattos, arguidos de socios do elogio-mutuo, respeitava os estatutos, confirmando os louvores decretados pelo juiso de uma platéa illustrada? ! N'isto scismei e repisei, e decidi que era tola a critica dos meus comprovincianos, e de alguns rapazes geitosos cá de Lisboa, que ainda estão na madre a sorverem o cordão umbilical dos seus compendios escolares, e já querem que a gente os veja com a cabeça por ahí acima a topetarem com as nuvens!

Quem são, pois, os escriptores arguidos de se estarem em perenne admiração uns dos outros? Serão os que firmam o louvor do livro com o proprio nome? Os Castilho, Mendes Leal, Herculano, Rebello da Silva, e outros, que, em varias provincias das letras, professam estreme e brilhante individualidade? Quem teria o descouco de molestar-se dos elogios mutuos d'estes nomes, se elles se elogiassem? As queixas, bem traduzidas, quereriam dizer: «Reparem que estou aqui eu! Façam favor de dizer ao mundo que eu cheguei aqui hontem; e muita gente ignora que eu cheguei.» Teria que farte razão o adventicio. Se querem ser escoimados da nota de se elogiarem uns a outros, digam que está ali aquelle senhor, que escreveu antes de hontem uns versos a uns olhos verdes, principiou hontem um romance que ha de vir a ser um acontecimento; e, se Deus quizer, principiará ámanhã uma epopea, que ha de ser outro acontecimento peor.

Ia eu dizer, Ernesto, que tu és o escriptor mais desajudado do estimulo do louvor: diria uma falsidade. Os teus juizes tem sido aos centenares em cada sentença. São as platéas independentes que não vão para ali respeitar nomes, nem preconceitos. São os homens, que primeiro compram ao bilheteiro o direito de ter razão no applauso ou na reprovação. São os julgadores de superior e natural competencia, que te ali tem dado, no temeroso tribunal do palco, as mais legitimas manifestações — as do senso publico. Ali tens recebido o louvor vehemente do homem, que não conheces, que te não conhece, e que ámanhã te voltará as costas ao drama,

se o drama desmerecer da sua complacencia. Este, e os seus pares, é que são o supremo estímulo do teu numeroso theatro.

A leitura de um folhetim, arreado dos logares-communs da lisonja, dar-te-ia uma sombra da satisfação, e direi mesmo da gloria, que tens gosado, quando a multidão se ergueu para applaudir-te? Receias tu que vão d'ali aquelles sinceros e apaixonados apreciadores desmentir com um sorriso de velhaca piedade a sua demonstração de bem-querença? Podem elles acaso segredar ao amigo que tu lhes pedistes a graça das suas palmas?

Eu não conheço, em juizo de litteratura dramatica, se não um voto espontaneo, desassombrado, e unico: é o do povo.

Dizem, porém, que o povo não sabe quando o drama se veste de farrapagem vasconça ou pompeia gallas de locução portugueza. Aos que me argumentam assim perguntaria eu porque é que o povo applaude ferventemente o *Egas Moniz*, onde a linguagem é riqueza que vinga primasia sobre todos os outros dotes do excellente drama! Querem, por força, privar as platéas de ouvido e de gosto: é uma mutilação barbara, á qual eu me não conformava, quando me diziam que, se queria agradar, espalmasse a linguagem dos meus bosquejos dramaticos, assim mesmo ouvidos e nem sempre menos prezados.

Os teus dramas realçam no merito da contextura. Ninguem te esquivava este louvor: é voz dos criticos unanimes. Todos, á uma, te concedem o raro engenho de tecer com poucos fios uma bonita travacção de lances e peripecias, á feição do paladar commum. Assinto no acertado parecer de todos: é mais que tudo custoso o architectar uma acção complicada e dentro das estreitezas da scena, sem molestar a verosimilhança. Vai n'isso muito mais habilidade que em gisar romances de fantasia ou de historia. Se é dom natural, muito devemos admiral-o pela raridade; se resulta de estudo e ensaios, mais que admiral-o, cumpre louval-o com todo o encarecimento.

Acho eu que os teus dramas carecem de linguagem calorosa e apaixonada. Parece que acintemente moderas o ardor das paixões, ou as revelas em termos por demasia tepidos. Isto, a meu vêr, é dependencia do teu character, se não é antes proposito, que pôde ser explicado por atencções com o gosto do publico. Tenho observado que o teu temperamento não desdiz da stirpe alleman d'onde procedes. A farpa abraçada de umas paixões, que escaldam a phantasia, quer-me parecer que nunca te feriu. Acho-te concentrado e taciturno como lá nos teus dramas se me figuram os teus personagens. D'ahi procede a incisão do teu dialogo, a curtêsa, aliás judiciousa, dos soliloquios, e o curto fôlego dos arrebatamentos e explo-

sões, quer de odio, quer d'amor. Aqui não ha de que arguir-te: é a tua indole litteraria. Se a quizeres falsear, darás comtigo no desatino, necessario resultado dos esforços negativos.

Eis aqui o copioso cathalogo dos teus escriptos para theatro:

Raphael, drama em tres actos;

Um quadro da vida, em cinco actos;

A redempção, em tres actos;

Duas épocas da vida, em dois actos;

Os homens sérios, em quatro actos;

A caridade na sombra, em tres actos;

Os moços velhos, em cinco actos, e seis quadros;

Um homem de consciencia, em dois actos;

Nobresa d'alma, em dois actos;

Primavera eterna, em tres actos;

Um drama no mar, em quatro actos;

Abnegação, em quatro actos.

O jogo, approvado para premio no concurso dramatico de 1862.

Com Luiz Augusto Rebello da Silva collaboraste na **Mocidade de D. João V**; e comigo na **Vingança**.

Omitto as traducções e imitações que, á semilhança da *Cora*, deram épocas de grande concorrência ao theatro normal, e a ti a gloria de desenfastiares o paladar empapado das multidões com o perreuil de estupendos successos, tão diversos do teu geito de escrever e contar, com todo o respeito á verdade do coração.

Mais ou menos, todos os teus dramas tem sido applaudidos e conservados na scena, fundando todos em factos correntes. É, pois, preciso que o ingenho suppra a falta do maravilhoso, de phantasmagoria, e absurdidades que enleiam e enlevam as turbas destragadas pela renascença dos tablados da Mouraria. Tens vencido, á custa de uma lenta reformação dos espiritos, crear affeição á singelosa dos quadros da vida, como ella é em suas sinceras dores e sinceras alegrias. Seguiste o encalço de Mendes Leal, que tão conscienciosamente e brilhantemente emendou com o drama moderno a escola, que implantára, desde os *Renegados* até ao *Pagem de Aljubarrota*. Assim que o primeiro dramaturgo em Portugal—que em toda a parte seria um dos primeiros—inaugurou o drama, chamado realista, devendo ser antes chamado o drama espiritual—os teus passos necessariamente deviam ser seguros, e o publico veria em ti o discipulo do grande mestre. Viu, e viu exaggeradamente. Ouvi eu dizer que Mendes Leal te pautava e esquadriava a forma de teus dramas. Nunca elogio tamanho te podiam fazer amigos! Se inimigos eram, que outra maior vingança poderias querer da calumnia, se não a consciencia de ser teu o trabalho,

trabalho que os cata-cegos attribuiam a Mendes Leal? É onde póde chegar a mal-querença lorpa! Tambem o grande Garrett tinha um tio bispo de Malaca que escrevera *D. Branca*, e o *Camões* tirou-o elle da gaveta deum francez, e o *Fr. Luiz de Sousa* caiu-lhe assim amanhado da lua, e tambem o author dos primeiros dramas de Mendes Leal era um tio monge. É preciso que o escriptor invejavel não tenha tios nem amigos intelligentes, para lhe ser concedido por de sua lavra o escripto. Quando o sr. Martins Rua publicou uma epopea chamada a *Pedreida*, disse toda a gente que era d'elle o poema. Da authoridade dos livros do sr. Carreira de Mello tambem não me consta que duvide alguem. Um homem, que quer ser o legitimo senhor dos seus escriptos, pelos modos, ha de escrever parvoçadas. Isto é duro de tragar!

Não me chega tempo nem espaço para amiudar analyse a cada um dos teus valiosos dramas. De todos me recordo como modêlos para estudar os segredos da scena—o machinismo que é o essencial d'estas composições. Se os primeiros são levemente esmerados no estilo, os ultimos denotam mais reflexivo tracto com as locuções portuguezas. Estás em mui sensível progresso n'esta importante feição dos teus trabalhos. Quando vieres a concertar o ingenho inventivo com a lapidação da palavra, terás adiantado muito na perfectibilidade do difficillimo passo de que has sahido com victoria, e esperanças para mais. O theatro portuguez deve-te muito, e tu deves ao publico, que te applaude, o mais que é razão esperar do teu talento e vontade.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

OS MEUS TRINTA ANNOS.

(Num album)

A vida, é monte erguido entre dois mares,
que se avulta nas ondas arrogantes
do norte para o sul.

O seu manto, nem sempre é relva e flôres;
o caminho, nem sempre suave e largo;
o Ceo, nem sempre azul.

Do nascente ao sol-posto sobe a estrada,
e eu por ella subi; da vida ao cume
eis-me chegado emfim.

A fatidica hora dos trint'annos
no relógio fatal que a vida conta,
soou já para mim!

Antes que eu desça além, quero da altura,
medir, entre os dois mares, a distancia
do meu peregrinar.

Quero nestes momentos de repouzo,
os dois barcos saudar, que me saudam,
neste e naquelle mar.

Este.... conheço-o bem! era o meu berço!
 baixel em que embarquei do nada á vida,
 ao pé de minha mãe!
 Naquelle.... ergue-se a cruz negra do esquife!...
 Hei de embarcar ali da vida ao nada,
 sem-me velar ninguem!

.....

Pedir cantos, Senhora, quem da vida
 perdeu todo o matiz dos roseos sonhos
 d'aurora juvenil!...
 não por que a vida me vá longa-ou negra,
 mas por que est'alma é tão deserta e arida,
 que nunca teve Abril!

A vida bonançosa, a paz eterna,
 enerva o coração e o pensamento
 nos braços d'ocios vis.
 O genio nasce e cresce entre as tormentas!
 Senhora, attenta bem como ha desgraça,
 até no ser feliz!

A vida sem paixões, sangue sem febre,
 é calmaria d'alma, que vegeta
 murcha, inodora flôr.
 Os gosos faceis, a ventura placida,
 são paraizo de existencia inerte,
 mas eu prefiro a dôr!

Prefiro a dôr; que essa, exalta
 o sentimento, a paixão!
 se o riso nos labios falta,
 o pranto nos olhos, não.

Nem dôr nem riso!... Eis a calma
 do morto mar do meu ser!
 Não reverdece uma palma
 na aridez do meu viver.

Existo... não sei se existo!
 sem ter desejos nem fé!
 mas se ao mundo eu disser isto
 o mundo pasma e não crê.

Tu acreditas, que és pura,
e eu não te posso mentir;
juro-o por tua candura,
por teu sincero sorrir.

Não tenho que dar! Trint'annos
morrem hoje para mim;
a idade dos desenganos
já vês que chegou por fim!

Trint'annos que o ocio esconde
em limbo inglorio e sem fim.
Trint'annos gastos... aonde?...
Em que?... Com quem?... ai de mim!!...

Subi ao zenith da vida,
vou prestes descer ao val;
na c'roa da encosta erguida,
cravei o marco fatal!

Adeus mocidade, infancia,
que nunca mais hei de vêr!
tenho a andar igual distancia,
mas é mais facil descer.

Além acaba o desterro
ao infeliz que ali jaz!
No fim do ingreme sêrro
começa o reino da paz!

«Ávante!» Desço a ladeira
sem saudade, ou riso, ou dôr!
sem plantar uma palmeira!
sem semear uma flôr!

Bem vês, é esteril, ingrata,
vida sem risos nem ais.
Consigno aqui uma data,
deixo um nome, e nada mais.

Lisboa 1 de Julho de 1861.

THOMAZ RIBEIRO.

SOCIEDADE

PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

Relatorio do anno social de 1861-1862, apresentado pelo conselho administrativo

SENHORES



conselho administrativo da *Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal*, vem hoje dar-vos conta do modo por que desempenhou, o encargo que houvestes por bem confiar-lhe.

E primeiro que tudo, Senhores, não pôde o conselho deixar de congratular-se com vosco por vér tão auspiciosamente encetados os trabalhos da nossa sociedade.

Os fructos que temos já colhido dos nossos esforços, foram mais abundantes do que se podia prevér.

O nosso publico acolheu com bem visiveis demonstrações de sympathia, a *Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal*.

O numero dos socios tem ido sempre crescendo, e em proporções mui lisongeiras.

Os pagamentos effectuaram-se, com a maior regularidade.

Os nossos socios das duas classes, artistas e amadores esmeraram-se em trabalhar a pról da nossa sociedade.

A exposição foi qual a vistes: era difficil esperar tanto, impossivel exigir mais. Podemos afoitamente dizer, que este anno inaugurou brilhantemente a serie das nossas exposições.

Aos srs. redactores dos jornaes litterarios e politicos, devemos a fineza de se terem occupado de nós com um favor que de certo não mereciamos, mas que esperamos poder um dia justificar.

Suas Magestades, sempre desvelados protectores das Bellas Artes, dignaram-se de nos dispensar a Sua alta e valiosissima protecção.

Deve-lhes muito a sociedade, e o conselho folga de ter esta occasião para lhes tributar o seu profundissimo reconhecimento.

O inesperado fallecimento do sempre chorado Rei o Senhor D. Pedro v, veiu cobrir de lucto a nossa sociedade, que perdia com Elle o seu primeiro e muito intelligente Protector.

El-Rei o Senhor D. Luiz, herdando o throno do seu augusto irmão, herdou tambem as virtudes e eximias qualidades, com que o seu illustre predecessor o ennobrecia

O amor que Sua Magestade professa pelas Bellas Artes, é um seguro penhor de que continuaremos a receber a mesma intelligente protecção que merecemos á boa memoria de El-Rei o Senhor D. Pedro.

O fim dos socios fundadores d'esta sociedade, foi excitar a emulação entre os artistas portuguezes, propagar o conhecimento, e facilitar a venda das suas obras.

Para este fim tenderam todos os nossos esforços.

Concorreram á nossa exposição 78 objectos, de entre os quaes 66 eram destinados a serem vendidos.

Foram comprados 27. O total das sommas que receberam os artistas expositores foi de 920\$200 réis.

Estes algarismos demonstram a utilidade da nossa sociedade.

Sem a nossa exposição não teriam certamente achado venda, os quadros que ali obtiveram tão facil extracção.

O grande escolho que o desenvolvimento das Bellas Artes encontrava em Portugal, era a estreiteza do mercado, não tanto pela falta de amadores intelligentes e abastados, que os temos e em numero relativamente grande, senão principalmente pela carencia em que estavamos, de um centro que tornasse conhecidos os trabalhos dos nossos artistas, e facilitasse as suas relações com os amadores.

Era para desejar tambem que o publico em geral se interessasse mais pelas Bellas Artes.

Nas terras abençoadas, em que as Bellas Artes tem tomado aquelle incremento que merecem, o publico é sempre um intelligente critico, que anima os artistas, se interessa pelos seus trabalhos, segue com affeição os seus progressos, e confere aos que o merecem o maior galardão que podem desejar — a reputação.

Em Portugal pelo contrario, a vida do artista passa quasi desapercebida, é apenas conhecido por um pequeno numero de collegas e amadores; e, feliz d'quelle que depois de annos de improbo trabalho, consegue que as suas obras sejam reputadas dignas de uma recompensa maior, que o mesquinho preço pelo qual se tem visto obrigado a vendel-as.

O conselho lisongea-se que interpreta fielmente os desejos da sociedade, exprimindo o voto de vér cessar tão deploravel indifferença.

As nossas exposições annuaes concorrerão poderosamente para a remover.

Os trabalhos de esculptura que em alguma das praças publicas de Lisboa e do Porto, vão ser brevemente levantados, ajudarão efficazmente a sociedade no seu empenho, costumando os olhos do publico a contemplar e a amar as Bellas Artes. Serão o principio da educação artistica do nosso povo.

O conselho estimaria que á nossa exposição tivessem concorrido, artistas de fóra de Lisboa, e n'este intuito, se dirigiu a algumas pessoas que o poderiam auxiliar.

Circumstancias fortuitas, impediram a realisação d'estes desejos.

Talvez mesmo que o praso entre o annuncio e a abertura da exposiçãõ, fosse demasiado curto.

Esperamos que a exposiçãõ futura não soffra a privaçãõ, que lamentamos.

A nossa sociedade tem por fim favorecer a cultura das Bellas Artes em todo o Portugal, e está tão fóra dos fins da sua instituição, como longe do espirito de todos os seus membros, o reduzil-as ás acanhadas proporções, de consagrar os seus esforços todos a proteger uma só classe das Bellas Artes, ou de circumscrever a sua acção a um só ponto do paiz.

Desejamos que nos nossos livros se inscrevam, amadores e artistas de todos os pontos de Portugal.

Fazemos votos, para que possamos annunciar-vos no futuro relatorio, que se acham estabelecidas delegações nossas nas principaes terras de Portugal.

Veriamos mesmo com prazer o estabelecimento de sociedades

identicas á nossa, bastando-nos a gloria de ter-m'os sido os primeiros que realisámos um pensamento tão favoravelmente acolhido.

O numero dos nossos socios é hoje de 242, as acções emitidas são 284.

Das contas apresentadas pelo thesoureiro se conhece que a receita total d'este anno foi de 1:656\$920 réis, a despeza, incluindo os premios, de 1:501\$270 réis, existindo em caixa a somma de 155\$650 réis, que será accrescentada á receita do futuro anno economico, e que nos habilitará a votar maior numero de premios do que este anno.

As despezas que teremos a fazer até á futura exposição, são muito diminutas, de modo que quasi todo o excesso de receita será proveitosamente empregado.

A nossa exposição abriu-se no dia 25 de Maio, com a possivel solemnidade, dignando-se Suas Magestades e Alteza honrar este acto com as suas augustas presenças.

Em conformidade com os Estatutos, fez-se no dia 1 de Junho a 1.^a extracção dos premios, e dois dias depois a segunda.

Os socios premiados, a ordem em que saíram os premios, o valor d'estes, e os objectos escolhidos, constam da seguinte lista:

- J. L. O'Sullivan, premio de 10\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 23, do sr. Christino, do mesmo valor).
 Conde de Penafiel, premio de 18\$000 réis, (escolheu o conselho o quadro n.º 23, do sr. Priéto, do mesmo valor).
 Domingos José da Silva, premio de 18\$000 réis, (escolheu o conselho o quadro n.º 42, do sr. Priéto).
 H. Odonell, premio de 20\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 35, do sr. Priéto, do mesmo valor).
 Carlos Ramiro Coutinho, premio de 20\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 35, do sr. Priéto, do mesmo valor).
 João de Azevedo Zuzarte, premio de 20\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 17, do sr. Chaves, de 24\$000 réis).
 José Maria Cesario Madriz, premio de 20\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 52, do sr. Pedroso, do mesmo valor).
 Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, premio de 20\$000 réis, (escolheu o conselho o quadro n.º 43, do sr. Priéto, 12\$000 rs.).
 Luiz Alves Pinto Bastos, premio de 22\$500 réis, (escolheu o quadro n.º 34, do sr. Priéto, do valor de 90\$000 réis).
 José Maria Corrêa Seabra, premio de 36\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 14, do sr. Amaral, do valor de 45\$000 réis).

- Manoel Homem de Noronha, premio de 36\$000 réis, (escolheu os quadros n.ºs 22 e 24, do sr. Christino, do mesmo valor).
- Carlos Bon de Souza, premio de 36\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 13, do sr. Annuniação, do mesmo valor).
- Ermerte Lambertini, premio de 45\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 12, do sr. Annuniação, do valor de 54\$000 réis).
- Prospero Lasserre, premio de 45\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 45, do sr. Priéto, do mesmo valor).
- Souza Brandão, premio de 45\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 10, do sr. Annuniação, do mesmo valor).
- Diogo Baptista dos Santos Cadet, premio de 45\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 21, do sr. Christino, do mesmo valor).
- Antonio de Souza Pinto de Magalhães, premio de 45\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 9, do sr. Annuniação, do mesmo valor).
- Felix Peixoto de Brito e Mello, premio de 70\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 16, do sr. Chaves, do mesmo valor).
- Victor Bastos, premio de 70\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 37, do sr. Priéto, do mesmo valor).
- Francisco d'Assis Rodrigues, premio de 90\$000 réis, (escolheu o quadro n.º 18, do sr. Christino, do mesmo valor).
- Antonio Corrêa da Silva Junior, premio de 112\$500 réis, (escolheu o quadro n.º 2, do sr. A. de Andrade, do mesmo valor).
- Jeronymo José da Silva, premio de 135\$000 réis, (escolheu os quadros n.ºs 51 e 31, do sr. Pedroso e Madriz).

Não sendo possível este anno cumprir o artigo dos Estatutos que diz respeito á gravura, que annualmente deve ser distribuida aos socios, não premiados, o conselho julgou dever comprar ao sr. Joaquim Pedro de Sousa uma chapa, que este distincto artista tinha começado, e que representa a leitura de um romance, cópia de um quadro do fallecido professor F. A. Metrass, cujo original pertence a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando.

Entre os motivos que decidiram o conselho a fazer esta escolha avultou, o de querer prestar á memoria do illustre pintor, cuja falta todos sentimos, um testemunho de respeito e de admiração.

Esta gravura será brevemente distribuida aos socios. Transornos imprevistos não permittiram ao artista entregar a chapa tão depressa como elle desejava.

O conselho decidiu que as gravuras não fossem postas á venda. Ficando mais raras, tornar-se-hão mais valiosas.

Poder-se-ha porém, se assim o julgardes conveniente, man-

dal-as pôr em venda para o anno, mudando-se o estado da chapa, pondo-se-lhe por exemplo letra.

D'este modo não diminuirão do valor, os exemplares dos socios, e abrir-se-ha para a sociedade uma nova fonte de receita.

Além dos premios pecuniarios, dois benemeritos socios offerceram tres quadros cada um, para serem tirados á sorte entre os socios não premiados, o que se realisou no mesmo dia, em que foram extraídos os outros premios.

O socio e distincto artista o sr. A. de Andrade, offerceu generosamente á sociedade, o producto que realisasse a venda dos seus quadros expostos.

A uns e a outros tributa o conselho vivos agradecimentos.

Foi escolhido para ser gravado e distribuido aos socios no principio da futura exposição, o quadro n.º 26 do sr. R. de Menezes, que pertence a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando.

Obtida já a permissão de seu augusto possuidor, o conselho mandou abrir o concurso entre os artistas gravadores.

A experiencia demonstrou que alguns, ainda que poucos artigos dos Estatutos careciam de reforma, outros de serem ampliados e explicados.

O conselho tem por tanto a honra, em conformidade do artigo 33.º dos mesmos Estatutos, de vos apresentar a seguinte proposta:

«Fica auctorizado o conselho administrativo a eleger uma comissão para tratar da reforma e ampliação dos artigos 5.º § 2, 9.º § 3, e 21.º dos Estatutos; dos artigos 20.º e 26.º do Regulamento, e dos outros que careçam de revisão ou alteração.»

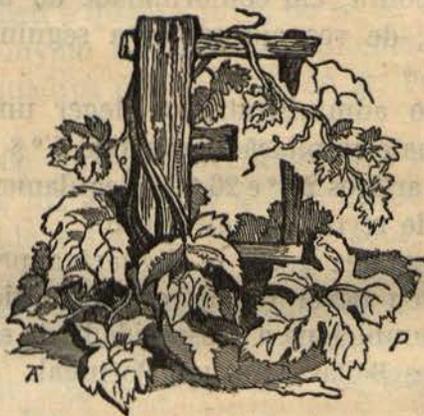
O conselho espera que a Assembléa geral se dignará approvar as deliberações que entendeu dever tomar, e como unica recompensa dos seus esforços, ambiciona a prosperidade da sociedade e o desenvolvimento das Bellas Artes em Portugal.

Lisboa, 25 de Junho de 1862.

O Secretario

JOAQUIM PRIÉTO

CHRONICA LITTERARIA



narram-se factos. O enthusiasmo manifestado n'aquelles, justificase n'estes. O primeiro livro archiva os brados festivos dos poetas; o segundo descreve a alegria, tão geral, do povo. Formam a *Corôa Poetica*; as flores que os vates tecêram; matizam *Portugal e a Italia*, as flores que as mãos populares espalharam. São duas obras que ficam attestando uma data memoravel, que duas grandes e heroicas nações gravaram nos corações de seus filhos.

Abrem o livro intitulado *Corôa Poetica*, as biographias de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz I e S. M. a Rainha a Senhora D. Maria de

ncetarei a chronica mencionando o apparecimento de dois livros, ambos d'ocasião: *Corôa Poetica no Consorcio de S. S. M. M. o Senhor Rei D. Luiz e a Senhora Rainha D. Maria de Saboya e Portugal e a Italia ou enlace da Dynastia de Bragança com a Dynastia de Saboya*. Diversos na indole e na feição, inspirou-os todavia o mesmo acontecimento. N'um entôam-se canticos; no outro

Saboya, escriptas por L. A. Rebello da Silva. O eminente prosador traçou ali dois quadros, como a sua penna de oiro os sabe traçar, que maravilham pelo esplendor das tintas e pela viveza do colorido. Se os assumptos eram bellos, o momento era grandioso. Tudo sentio, tudo o captivou, tudo o exaltou. Escreveu então, e escreveu profundamente impressionado. A mente alteou-lhe, pois, o que o coração lhe segredára; a imaginação enflorou-lhe as esperanças, que lhe sorriam n'alma; a crença doirou-lhe a phantasia. É que o presente, rasgava-lhe como brilhante aurora, os horisontes do futuro. Assim o denuncia n'este trecho com que remata a primorosa biographia de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria de Saboya:

«O segredo que o porvir esconde por entre as flores de esperança, que a mão do hymineo esfolha, a alegria que inunda a tantos peitos unanimes em vos saudar, não vos assegura que é o fausto presentimento da nova era, que vae abrir-se? Ao alvorecer para esta monarchia o radioso dia da sua fundação um soberano guerreiro tinha a seu lado uma de vossas avós, e no brando sorriso d'ella adivinhava a promessa das maravilhas, com que Deus lhe dilatou os annos e o imperio; agora que luctamos em diverso campo, não menos trabalhoso, o do progresso e da liberdade, e que renascem n'outro anjo da mesma Familia as sublimes perfeições da primeira rainha de Portugal, renascerão com ella tambem, assim o esperamos, as prosperidades, para esmaltar os annaes da terra adoptiva. Ha coincidencias na vida das nações, cuja significação só os annos revelam. Confiemos nos sorrisos da Providencia. O espirito de Deus não está longe, quando os factos accusam a sua obra!»

Seguem-se ás biographias, as viçosas flores que se entrelaçam na corôa, flores cultivadas com amor, e por mãos de habeis jardineiros. São estes: Castilho, Mendes Leal, Camillo Castello Branco, Thomaz Ribeiro, E. A. Vidal, J. A. de Sant'Anna e Vasconcellos, A. S. de Cabedo, José Ramos Coelho, M. Pinheiro Chagas, Eusebio Asquerino, Luiz Breton y Vedra, Gaetano Frascarelli, J. P. Bianchi. Dois filhos d'Italia e dois poetas hespanhoes, acompanharam os vates nacionaes n'esta saudação.

O prestigio que o livro obteve, e o acolhimento que encontrou, confirmam a sua valia, e provam tambem que tal homenagem agradeu a todos, o que é uma gloria para quem a promoveu e realisou.

Portugal e Italia, pelo sr. J. Miguel Ventura diversifica, como já disse, na indole e na feição da *Corôa Poetica*. É mais que tudo um esboço historico da situação actual dos dois paizes e uma resenha minuciosa e exacta dos acontecimentos e dos festejos que

tiveram logar por occasião do casamento de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I. Reune a um consciencioso trabalho de investigação algumas considerações valiosas e sensatas. Finalmente é um livro curioso, que se lê com interesse, e que o publico tem lido. Foi um bom serviço para futuros historiadores, porque ficam ali reunidos elementos necessarios e verdadeiros.

Darei agora noticia de um livro que não tarda em ser publicado e que ha de alegrar deveras os leitores. Se eu lhes dissesse só o titulo, tomavam-me por mentiroso. O titulo engana, o titulo illude, o titulo promete uma historia afflictiva e pavorosa ou um melodrama façanhudo e tetrico! Chama-se *Roberto ou a Dominação dos Agiotas!* Credo! Era assumpto para um vale de lagrimas, para uma enfiada de lamentações, para uma alluvião de miserias, para muitas fomes, para cem cruezas, para duzentos gritos de angustia, para trezentas maldições! Mas, não foi; socegum. Foi assumpto para o auctor promover a hilaridade, do que ficarão convencidos logo que eu lhes explique o titulo, revelando-lhes o intuito da obra. *Roberto ou a Dominação dos Agiotas* é a parodia de *D. Jayme ou a Dominação de Castella*. Um arrojo comico difficilissimo! Uma tentativa espinhosa! Tentativa espinhosa e arrojo difficil porque o auctor se não limita á parodia de um canto ou de algumas estrophes, mas sim do poema inteiro, que segue passo a passo, situação por situação, verso por verso. Manoel Roussado venceu todavia estas difficuldades, e venceu-as com infinita graça e extrema habilidade. A sua composição rivalisa com as melhores d'este genero. Transcrevi n'este jornal a bella imagem da *era* do poema de Thomaz Ribeiro; transcreverei agora a parodia d'essa mesma imagem, para os leitores compararem e verem que não ha favor na minha apreciação. Cumpre advertir que o heroe da parodia e seu irmão são filhos de um militar realista:

Um dia... quando não sei,
fui fazer uma visita
ao conselheiro Amaral
da minha antiga amizade,
casa que fôra algum tempo
das ricas de Portugal.

Achei-a toda despida
do que houvera ali de fino;
salas nuas, vidros sujos,
como casa com escriptos,
que espera inquilino.

Vi-lhe os papeis já rasgados,
sem tapetes os sobrados,
senti máo cheiro no ar;
quatro cadeiras quebradas,
as portas desconjunctadas,
e as taboas já despregadas,
dos tectos a desabar.
E perguntei:—o que é isto,
o conselheiro opulento,
deixa a casa entregue ao vento,
e vae distante morar?»

Certo agiota matreiro
nesta casa se metteu,
e ao dono algum dinheiro
com pouco juro offereceu:
de Amaral o genio espreita,
o seu genio ao delle ageita,
a sua offerta renova,
(o conselheiro regeita)
insta, supplica e venceu!

Já vae recebendo o juro,
que multiplica a vapor:
quando empresta quatro contos
de vinte se faz credor:
as quantias emprestadas,
são já sommas avultadas,
e o amigo não recúa;
todos os bens possuindo,
mesmo as joias da senhora,
faz-lhe em casa uma penhora,
e tudo lhe põe na rua
sahiram as carruagens,
os bellos trastes doirados,
fecháram-se aquellas salas,
despediram-se os creados;
e o nosso bom conselheiro,
já sem um pinto de renda,
ás vezes, quem tal diria!
almoça quando merenda.
Que o agiota matreiro
em tres annos e um dia

roubou tudo quanto havia
sem ter crime de ladrão.
São como o tal agiota
os filhos do capitão.

Manoel Roussado já havia manifestado vocação para o genero n'uma *Revista do anno*, que escrevêra para o theatro do Gymnasio, e que a platéa festejou bastante; mas d'esta vez parodiando *D. Jayme ou a Dominação de Castella*, ganhou merecido e honroso logar entre os bons escriptores satyricos. Profetiso segunda edição ao livro. Basta possuir este condão: provocar o riso. É tão raro como attrahente.

Annunciei na ultima chronica a proxima publicação de um livro da Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Augusta Placido, denominado *Luz coada por ferros*; e já tenho hoje mais uma obra para annunciar de tão mimosa e distincta escriptora. É um bello drama intitulado *Aurora*. A acção que se passa na India offerece quadros cheios de novidade e interesse que surprehendem o espectador. Realça todos esses quadros uma linguagem extremamente poetica. O drama é destinado para subir á scena no theatro normal em beneficio da actriz Emilia Adelaide.

Reviveu a critica, a critica authorisada, a critica valiosa, a critica que educa, a critica que aproveita. Luiz Augusto Rebello da Silva inaugurou os seus folhetins litterarios no *Jornal do Commercio*, apreciando as ultimas obras de Castilho, Mendes Leal e Camillo Castello Branco. Dou portanto, os parabens á imprensa e aos escriptores.

ERNESTO BIESTER.